

PARQUE

Felipe G. A. Moreira



 **SUB
VERSA**

Rio de Janeiro, RJ, 2025

© copyright 2025, Felipe G. A. Moreira, Ed. Subversa

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Coordenação editorial: Morgana Rech

Capa: Ana Pies N.

Diagramação: Ivete T. dos Santos Conceição

M838p Moreira, Felipe G. A.
 Parque / Felipe G. A. Moreira – Rio de Janeiro, RJ:
 Subversa, 2025
 96 p.

ISBN: 978-65-01-61283-6

1. Filosofia 2. Poesia brasileira I. Título

CDU 101

Ficha Catalográfica elaborada por Eunice de Olivera – CRB 10/1491

SUMÁRIO

Parque logicizado: uma abordagem à velha querela
entre poesia e filosofia 5

Parque 47

PARQUE

logicizado: uma
abordagem à velha querela
entre poesia e filosofia¹

¹ Este trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil, Processo 2024/13530-2 cujo supervisor é o Prof. LD Edécio Gonçalves de Souza da Universidade de São Paulo. Ademais, não acredito que o entendimento desse texto condicione aquele ou qualquer tipo de interação interessante que se possa ter com *Parque*. Na verdade, para aqueles que não estão interessados em textos associáveis à “filosofia”, talvez seja mais pertinente ignorar o presente texto e ler *Parque* diretamente.

Resumo: Alguns objetos não necessariamente são, mas têm sido chamados de “poesia”. Uma tese acerca desses objetos remete ao Sócrates da *República* de Platão e, Hannah Arendt sugere, é atribuível a Rudolf Carnap: a que pelo menos um desses objetos evidencia que seu criador carece ou ao menos não expressa *logos* tão explicitamente quanto um assim chamado ou autointitulado “filósofo” assim o faz por meio de um objeto que não necessariamente é, mas tem sido chamado de “filosofia”. Tem sido sugerido ao autor de *Parque* que esse texto, articulado em 2008 quando seu autor tinha vinte e três anos, corrobora essa tese. Esse não é o caso. É isso que defende o presente texto de autoria desse mesmo autor que, agora em 2025, tem quarenta anos. *Parque*, argumenta-se, se presta a uma logicização, a ação de se traduzir um objeto do conjunto da “poesia” para os termos de um objeto do conjunto da “filosofia”. *Parque*, mais exatamente, é traduzível para um texto desse último conjunto. Esse texto articula um argumento contra uma crença condicional; a que se é observável que seres humanos – isto é, animais lógicos – têm tido a propriedade de ter as restrições animal e lógica, essa é uma propriedade necessária desses animais. A premissa do argumento em questão é que são imagináveis animais lógicos que *não* têm nem a restrição animal e nem a restrição lógica. A conclusão desse argumento é que ter tais restrições *não* é uma propriedade necessária desses animais. **Palavras-Chave:** Filosofia da Poesia; Animais Lógicos; Modalidade; Necessidade; Poder; Política.

INTRODUÇÃO

Existe um conjunto da “poesia”, o dos objetos que não necessariamente são, mas têm sido chamados de “poesia”, digamos, por um assim chamado ou autointitulado “poeta” que cria um objeto e o descreve como “poesia” em qualquer sentido desse termo. *A Ilíada* e *As Flores do Mal* são membros do conjunto da “poesia” [1] [2]. O mesmo é o caso de *Parque*; um texto originalmente publicado na *Revista Zundí* e reproduzido na sequência sem alteração em relação a sua versão original. Afinal, ao menos o autor desse texto, o Felipe G. A. Moreira de carne e osso, tem chamado esse texto de “poesia” desde o momento que ele – então com vinte e três anos – o articulou em 2008. Além disso, esse autor, que hoje em 2025 tem quarenta anos, se autointitula “poeta” em detrimento do fato que essa atitude possa ser problematizável. Por exemplo, sob a base que – diferente da *Ilíada* – *Parque* assim como *Por uma estética do constrangimento* e *FGAM* não satisfazem as condições para a atribuição do predicado, “ser poesia” [3] [4]. Mais: sob a base que – diferente do Charles Baudelaire de carne e osso – o autor de *Parque* tampouco satisfaz as condições para a atribuição da alcunha de “poeta”, ao menos, não se o termo, “poeta”, é aplicado em algum sentido congratulatório.

Por vezes, o autor de *Parque* também é chamado de “filósofo” ou, ao menos, se autoriza a se autointitular “filósofo”. Ademais, ele crê – em detrimento do fato que outros possam igualmente discordar – que *A Política da Metafísica* e vários outros de seus textos

merecem a alcunha de “filosofia” [5] [6] [7] [8]. Esses textos fazem parte então de outro conjunto, o da “filosofia”. Esse é o conjunto dos objetos que não necessariamente são, mas têm sido chamados de “filosofia”, digamos, por um assim chamado ou autointitulado “filósofo” que criou o objeto em questão. O *Jardim das Aflições* exemplifica um membro desse conjunto. A razão é que o Olavo de Carvalho de carne e osso ou outros influenciados por ele chamam esse texto de “filosofia”, ainda que essa atitude tenha sido disputada por outros [9] [10].

Exemplos menos controversos de membros do conjunto da “filosofia” são a *República* de Platão e o artigo de 1931 de Rudolf Carnap, “Superação da metafísica pela análise lógica da linguagem” [11] [12] [13]. Uma interpretação insinuada por Hannah Arendt e com o qual tendo a concordar é que esse artigo aponta para uma certa tese [14] (p.419). Essa tese merece ser chamada de tradicional porque a disputa acerca dela remonta porventura a um período anterior ao da articulação da *República*. Ora, essa disputa é associável então a uma velha querela entre poesia e filosofia.² A tese tradicional é que pelo menos um objeto do conjunto da “poesia” evidencia que seu criador – isto é, um assim chamado ou autointitulado “poeta” – carece ou, ao menos, não expressa o *logos* tão intensamente quanto um assim chamado ou autointitulado “filósofo” assim o faz por meio de um objeto que faz parte do conjunto da “filosofia”. “*Logos*”, Jean-Yves Béziau coloca, é “uma palavra típica da cultura grega”, ela tem “quatro sentidos principais na sua rede semântica: *relação*,

² Já no Livro X da *República*, Sócrates afirma em 607b: “παλαιὰ μὲν τις διαφορὰ φιλοσοφίᾳ τε καὶ ποιητικῇ”, isto é, “vem de longa data a querela entre a poesia e a Filosofia” ou “há uma antiga briga entre filosofia e poética” nas traduções para o português de Carlos Alberto Nunes e de Anna Lia Amaral de Almeida Prado, respectivamente [11] (p.451) e [12] (p.399).

linguagem, razão e ciência” [15] (p.80). Seres humanos têm sido entendidos como portadores de *logos*, isto é, “animais lógicos”, como coloca Béziau [15] (p.81) e, antes dele, Charles Peirce [16] (p. 2).

Esses animais lógicos parecem ter então o que pode ser chamado de restrição animal, a de existir de um modo limitado caracterizado por variadas incapacidades. Por exemplo, a incapacidade de mudar de configuração corporal imediatamente sem o requerimento de algum tipo de cirurgia plástica, digamos, ao não poder transformar prontamente um tipo de: massa muscular; seio; nariz; lábio; orelha; proporção entre as partes de um rosto; genitália; altura; cor de pele etc. Outros exemplos de incapacidades de animais lógicos são as de: não poder viver sem órgãos vitais, alimentação ou água; não poder saltar por cima do Burj Khalifa, o atual prédio mais alto do mundo; não poder voar feito um caça de guerra; não ser imune a qualquer doença física; não poder viver para sempre ou, ao menos, por milênios etc.

Animais lógicos parecem ter ainda o que pode ser chamado de restrição lógica. Por essa, tomemos a de existir de um modo limitado em um sentido conectado ao *logos*, um modo caracterizado pela incapacidade de carecer de *logos* sem se arcar com certas consequências sociais punitivas. Por exemplo, ser encarcerado numa prisão ou internado num hospital psiquiátrico ao ser tido como alguém ou algo que não faz ciência, não se vale da razão, não usa linguagem ou não entra em relação – assumindo um conceito técnico de “relação” segundo o qual essa se refere a interações entre animais lógicos qualificáveis como “morais”.

A tese tradicional tem sido atribuída ao que podemos chamar de Sócrates. “Sócrates” é um nome próprio aplicado no presente texto, não em referência a um objeto de carne e osso, mas a um

objeto linguístico, ou seja, um personagem da *República* que é distinto e cuja visão não necessariamente é idêntica à do autor dessa obra, o Platão de carne e osso.³ Analogamente, eu não sou o autor, Felipe G. A. Moreira. Eu sou uma persona filosófica. Para usar os termos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, eu sou um “personagem conceitual”, criado por esse autor [19] (p.81). Meu nome próprio é FGAM; outro objeto linguístico.⁴

Uma base para a tese tradicional – recorrentemente igualmente associada a Sócrates, talvez atribuível ainda a [13] e igualmente qualificável como tradicional – *é que ao menos um* objeto do conjunto da “poesia” não realmente diz respeito à ciência, à razão, à linguagem ou à relação. Isso porque, diz o defensor dessa base, o objeto em questão não trata daquilo que existe; constitui o que merece a alcunha de “conhecimento”; se vale exatamente de algo que faz sentido ou expressa o que é moral. Logo, diz ainda o defensor da base tradicional, esse objeto justificaria a atribuição a si dos mais variados predicados derogatórios como: “ser imoral”; “ser irresponsável”; “ser meramente ou excessivamente emocional”; “ser não-sério”; “ser uma espécie de palhaçada”; “ser incompreensível”; “ser um blábláblá”; “ser fruto de uma espécie de entusiasmo irracional e apenas pretensamente divino ou místico” etc.⁵

Que *Parque* justifica a atribuição a si de pelo menos um desses predicados tem sido sugerido ao seu autor, ao longo dos últimos dezessete anos em conversas e textos informais e privados articulados,

³ Para leituras mais detalhadas de Sócrates e Platão, ver Fernando Muniz e Alberto Pucheu os quais tratam de modos bem distintos da “querela” ou da “briga” em questão em excertos da *República* como 607b [17] [18].

⁴ A distinção entre FGAM e seu autor é explicada mais detalhadamente em [5].

⁵ Para um tratamento da relação entre poesia e mística, considere Eduardo Guerreiro Brito Losso [20].

por vezes, por críticos literários que atuam no ensino superior.⁶ *Parque*, esses têm sugerido, é evidência para a tese tradicional. Esse, porém, não é o caso já que esse texto diz, sim, respeito à ciência, à razão, à linguagem e à relação. É isso, ao menos, o que o presente texto defende sob a base que *Parque* se presta à logicização. Logicização é a ação de se traduzir um objeto do conjunto da “poesia” para os termos de um objeto do conjunto da “filosofia”. O objeto do conjunto da “filosofia” ao qual *Parque* é traduzível é caracterizado pela identificação e pela articulação de um argumento contra um condicional de forma “se p, então q” que se vale de um antecedente e de um consequente. Esse condicional é o seguinte:

Crença popular Se é observável que animais lógicos têm tido, ao longo da história, a propriedade de ter as restrições animal e lógica (antecedente), então essa é uma propriedade necessária desses animais (consequente).

O argumento em questão é o seguinte:

Premissa São imagináveis animais lógicos que *não* têm nem a restrição animal e nem a restrição lógica.

Conclusão Ter tais restrições *não* é uma propriedade necessária dos animais lógicos.

Tratemos agora de *crença popular*, *premissa* e *conclusão* nas seções 1, 2 e 3, respectivamente.

⁶ Como tais conversas e textos foram feitos informalmente e privadamente, não me parece pertinente nomear seus autores ou citá-los. Minha esperança é que o presente texto suscite a articulação de outros que se prestem ao escrutínio público; textos que então possam ser citados e cujos autores possam ser nomeados.

1. Crença Popular

Crença popular merece esse nome porque é plausível supor que muitos – como aqueles que se confrontaram ou possam vir a se confrontar com *Parque* ou com sua possível encenação – a adotam ou, ao menos, poderiam plausivelmente adotá-la. Por exemplo, se eles dessem atenção para uma disputa modal: *Animais lógicos necessariamente possuem as restrições animal e lógica?*

Ora, animais lógicos, parece observável, usualmente vivem em comunidades de animais lógicos que estabelecem entre si uma relação. Leia-se: esses animais compartilham vivência num dado espaço, como o pedaço de terra que é hoje usualmente chamado de “Brasil”. Mais: eles compartilham vivência num certo momento no tempo como o início do século XXI. Embora existam dissensos, tais animais lógicos também recorrentemente concordam que eles devem seguir normas que têm igualmente sido chamadas de “morais”. Exemplos dessas normas são as de se dever agir de um modo que não seja caracterizável derogatoriamente, digamos, como “sexista”, “homofóbico” ou “racista”. Isso mesmo que apenas em sentidos bem imprecisos desses termos. Por exemplo, determinados por alguma espécie de código penal ou compartilhados, em linhas gerais, pela maioria dos membros de uma comunidade.

Outra propriedade de comunidades de animais lógicos, também parece observável, é que aqueles que as constituem usualmente se valem de uma mesma linguagem. Isso, ao menos, em sentidos consideravelmente abrangentes de “mesma” ou de “linguagem” como os sentidos segundo os quais os moradores das periferias do Maranhão bem como os que atuam no Departamento

de Filosofia da Universidade de São Paulo falam uma “mesma linguagem”: o português. Comunidades de animais lógicos, parece igualmente observável, têm ainda outra propriedade, seus membros compartilham, mesmo que apenas em linhas muito gerais ou até mesmo extremamente vagas, de um conceito ou de um uso do conceito de “conhecimento”.

Por exemplo, na comunidade que atualmente existe no Brasil, não há consenso se a definição de “conhecimento” como “crença verdadeira justificada” deve ser adotada ou se a problematização que Edmund L. Gettier fez dessa definição é pertinente [21]. Tampouco há consenso acerca das condições para uma crença ser qualificada como “verdadeira” ou “justificada”. Apesar disso, há considerável consenso entre os mais diversos habitantes do Brasil que “ $1+1=2$ ” faz parte daquilo que merece ser chamado de “conhecimento”.

Há ainda considerável consenso que alguém que não crê que “ $1+1=2$ ” não faz algo que merece a alcunha de “ciência”. Isso é dizer que animais lógicos que fazem parte de comunidades também compartilham, mesmo que apenas em linhas muito gerais ou mesmo excessivamente vagas, de um conceito ou de um uso do conceito de “ciência”. Esse último ponto é outro que parece observável. O mesmo pode ser dito acerca da alegação que todas as mais diversas comunidades de animais lógicos existentes no presente ou no passado possuem as restrições animal e lógica. Isso em detrimento do fato dessas comunidades serem qualificáveis de diversos modos. Por exemplo, à luz de qualificações socráticas sugeridas no Livro VIII da *República*; as de serem comunidades propriamente timocráticas, oligárquicas, democráticas ou tirânicas [12] [13]. Respectivamente, suponhamos que essas são comunidades cujos animais lógicos são

primariamente regidos pela busca de uma expressão mais própria de uma espécie de honra ou glória militar; do ganho financeiro; da animalidade de uma maioria e da animalidade de um único animal lógico, um assim chamado “tirano”.

Consideremos, nesse viés, não apenas a comunidade – quiçá mais facilmente qualificável como oligárquica do que como democrática – de animais lógicos atualmente existente no Brasil, mas variadas outras. Por exemplo, aquela que existe hoje nos EUA, cujos presidentes desse país qualificam como “democrática” num sentido congratulatório não exatamente idêntico ao socrático e que, “no amanhecer de um novo século”, Henry Kissinger afirmou em 2001, “está desfrutando de uma proeminência incomparável até mesmo à dos maiores impérios do passado” [22] (p.17). Consideremos também comunidades de animais lógicos que têm alianças militares com os EUA ao fazerem parte da OTAN ou da AUKUS e que presidentes dos EUA também usualmente qualificam como “democráticas” num sentido congratulatório não exatamente idêntico ao socrático. Parece evidente, à luz de observação, que os animais lógicos que constituem essas comunidades são caracterizados pelas restrições animal e lógica. O mesmo é o caso de comunidades que têm tido conflitos com os EUA e que não são usualmente qualificadas como “democráticas” pelos presidentes desse país, mas, sim, como “autocráticas” num sentido não muito diferente do socrático de “tirania”. Exemplos dessas comunidades são as existentes hoje: na China, na Rússia, no Irã, na Coreia do Norte, em Cuba, na Venezuela, na Nicarágua ou em países que, recentemente, sofreram intervenções militares dos EUA como o Afeganistão, o Iraque, o Iêmen, a Líbia e a Síria. Por vezes, membros

dessas comunidades chamam as comunidades existente nos países da AUKUS ou da OTAN, não de democracias, mas de oligarquias ou mesmo de timocracias.

Tenhamos ainda em mente as mais variadas comunidades de animais lógicos do passado como as que existiam nos pedaços de terra que hoje são usualmente chamados de “América”, “África” ou “Ásia”. Parece igualmente evidente que ter a restrição animal bem como a lógica era uma propriedade dos animais lógicos que constituíam essas comunidades. Isso independentemente se tais comunidades eram mais facilmente qualificáveis como tiranias, democracias, oligarquias ou timocracias e em detrimento de um fato explicado em mais detalhe por Enrique Dussel [23]. O fato é que, senão a animalidade, ao menos o *logos* de tais animais lógicos não foi reconhecido pelos colonizadores.

Por colonizadores, tomemos animais lógicos que adotaram ações, como a de exterminar ou escravizar outros animais lógicos, sob a base que esses careceriam de *logos* ou, ao menos, não expressariam o *logos* de modo tão intenso quanto os membros de outra comunidade de animais lógicos: aquelas dos impérios europeus de outrora, como o português, o espanhol, o francês ou o inglês, cujas prominenças, segundo Kissinger, não seriam comparáveis com a dos EUA atual ou, ao menos, o de 2001 [22] (p.17). Mais exatamente, parece observável que colonizadores ou mesmo muitos membros desses impérios em geral recorrentemente adotavam a crença que animais lógicos não-europeus não se valiam de nada que merecesse a alcunha de “ciência”, “razão”, “linguagem” ou “relação”. Isso, ao menos, em sentidos mais restritos desses termos como: x é relação se e só se x é idêntico a uma moralidade caracterizável por

tais colonizadores como “cristã”; x é linguagem se e só se x é idêntica a uma linguagem europeia como o inglês, o francês, o espanhol ou o português; x é razão se e apenas se x diz respeito aos modos de vida dos falantes dessas linguagens e x é ciência se e apenas se x leva à criação de tecnologias como a das embarcações que – *Os Lusíadas* de 1572 de Luís de Camões indicam – levaram Vasco da Gama até a Índia em 1498 [24].

Esses conceitos restritos não parecem, porém, particularmente atraentes, ao menos, não atualmente. Logo, o antecedente de *crença popular* – isto é, a tese que é observável que animais lógicos têm tido a propriedade de ter as restrições animal e lógica – não é particularmente fácil de ser rejeitado racionalmente. Eu, ao menos, não pretendo rejeitar esse antecedente. Afinal, não é fácil e talvez seja até mesmo impossível identificar – por exemplo, por meio de alguma espécie de pesquisa antropológica à moda de um Eduardo Viveiros de Castro – uma comunidade de animais lógicos existente no presente ou mesmo no passado cujos membros não sejam caracterizáveis pela restrição animal assim como pela restrição lógica [25].

Logo, é plausível assumir que muitos ou, ao menos, alguns animais lógicos poderiam adotar ou se sentir impelidos a adotar um procedimento problematizado por David Hume [26], independentemente de algumas disputas. Por exemplo, se a melhor comunidade é uma timocrática, oligárquica, democrática ou tirânica; se essas categorias socráticas devem ser adotadas hoje; se, caso sim, qual delas mais pertinentemente seria atribuível a comunidades atualmente existentes no Brasil, nos países da AUKUS e da OTAN, na China, na Rússia etc. O procedimento em questão é o de

defender, à luz de um tipo de “lógica indutiva”, que a observação de uma coleção de casos acerca de *x* determina uma propriedade necessária de *x*.

Mais exatamente, o procedimento em questão é o de concluir – à luz da observação que as mais diversas comunidades de animais lógicos do presente assim como do passado têm a propriedade de serem caracterizadas pelas restrições animal e lógica – que ter tais restrições é uma propriedade necessária dos animais lógicos, como indica o consequente da *crença popular*. Isso é, em outras palavras, defender que esse consequente se segue do antecedente da *crença popular*. O procedimento em questão é, em suma, o de adotar a *crença popular*.

Um pressuposto de *Parque* é que alguém que assim o faz é, senão um par filosófico legítimo, ao menos alguém que merece uma réplica por meio de um objeto que faz parte do conjunto da “poesia”. A articulação dessa réplica – *Parque*, em suma, pressupõe – é motivada. Uma razão para assim o crer é que a adoção da *crença popular* parece plausível à luz de três passos:

Passo 1 Ao contrário do que Hume e Carnap sugerem, não parece particularmente pertinente identificar o domínio do necessário ao daquilo que é *a-priori* e analítico [26] [13]. Afinal, sob a influência de Willard van Orman Quine, talvez não careça de *logos* alguém que crê que o estritamente ou puramente *a-priori* e analítico nem mesmo existe, que, em última medida, mesmo a sentença, “nenhum solteiro é casado” é, em certo grau, *a-posteriori* e sintética [27]. *A-priori* e *a-posteriori* são aquilo que é apreensível sem requerimento e aquilo

que requiere apelo à observação, respectivamente. Uma sentença é analítica se e só se seu valor de verdade é determinável exclusivamente em virtude do sentido de seus termos. Caso contrário, a sentença é sintética.

Passo 2 Ao contrário do que Quine, Saul Kripke, Kit Fine, David Lewis, David Chalmers e variados outros que atuam em Departamentos de Filosofia nos EUA ou nos demais países da AUKUS e da OTAN sugerem, não parece particularmente pertinente defender que uma abordagem ao domínio do necessário pode ser apolítica [27] [28] [29] [30] [31].⁷ Afinal, qualquer abordagem a esse domínio, é observável, parece política. Político, assumimos, é aquilo que tem três propriedades individualmente necessárias e coletivamente suficientes para assim o ser. Primeiro, a propriedade de ter uma importância social significativa, digamos, ao ser relevante para centenas, milhares, milhões ou até mesmo bilhões de animais lógicos. Segundo, a propriedade de envolver disputas entre outros que se pressionam mutuamente, digamos, por meio de ameaças de invasões militares, sanções econômicas, atribuições de carência de *logos* ou de predicados derogatórios como “ser sexista”, “ser homofóbico”, “ser racista” etc. Terceiro, a propriedade de depender de fatores normativos controversos que parecem inevitavelmente provocar consenso com alguns animais lógicos e dissenso com os outros de si que não parecem carecer de *logos* por assim o fazer. Suponhamos que *x* é um outro de *y* se e só se *x* e *y* são animais lógicos mas, no entanto, discordam e têm sensibilidades

⁷ Eu trato, em mais detalhe, de Quine, Kripke e Fine em [5]. Eu abordo Lewis em [6] e Chalmers em [7].

radicalmente diferentes em relação a, pelo menos, uma disputa. Isso se dá, por exemplo, se x rejeita, ignora, viola ou interpreta diferentemente os pressupostos ou critérios de y para lidar com uma disputa como a sobre se animais lógicos necessariamente possuem as restrições animal e lógica.

Passo 3 À luz dos Passos 1 a 2, é preciso reconhecer que a adoção da *crença popular* tem uma importância social significativa, envolve disputas entre outros que se pressionam mutuamente e depende de fatores normativos controversos. Por exemplo, o fator normativo controverso de se pressupor que o consequente da *crença popular* é justificado pelo seu antecedente à luz do fato que a recorrência de um fenômeno acerca de animais lógicos – isto é, que eles de fato têm sido caracterizados pelas restrições animal e lógica – justifica a associação desse fenômeno a uma propriedade necessária de tais animais. Isso é pressupor que esse tipo de recorrência é um guia para o domínio do necessário. Ora, assim o assumir bem como adotar a *crença popular*, diz um possível defensor dessa crença, é uma atitude politicamente interessante.

2. *Premissa*

Minha interpretação é que *Parque*, no seu cerne, é uma defesa de *premissa*, a tese que são imagináveis animais lógicos que *não* têm nem a restrição animal e nem a restrição lógica. Isso é ler que *Parque* é um experimento de pensamento que almeja explicitar essa tese. Esse texto não é, portanto, muito diferente de outros experimentos

de pensamento bastante conhecidos como o dos “zumbis” de Chalmers ou o do “dualista desafortunado” de Raymond M. Smullyan [31] [32].⁸ Minha leitura de *Parque*, espero, é corroborada pelos seguintes fatores.

Parque não evidencia a qual cenário imaginário ele exatamente diz respeito. Uma leitura é que esse cenário é um onde os personagens desse texto são os únicos animais lógicos que existem. Eles assim representariam a totalidade de uma comunidade de tais animais que viveria exclusivamente da maneira descrita no *Parque*. Outra leitura é que, embora esses personagens representem essa totalidade, as ações descritas no *Parque* são apenas algumas dentre variadas outras que eles adotam. Isso é dizer que, em outros contextos não descritos no *Parque*, esses personagens teriam atitudes mais comuns como as características de um emprego remunerado, as de pegar um transporte público; se sentar numa mesa diante de um computador; escrever relatórios etc. Outra leitura é que os personagens de *Parque* são apenas alguns dentre incontáveis outros que vivem da maneira descrita nesse texto. Isso é ler que *Parque* retrata apenas um fragmento de uma realidade bastante mais abrangente. Outra leitura ainda é que os personagens de *Parque* são membros – quiçá de uma espécie de elite – de uma comunidade de animais lógicos que não é apresentada no seu todo nesse texto; uma comunidade cujos membros, não mencionados em *Parque*, seriam bem diferentes dos personagens desse texto. Isso porque, ao não serem parte dessa espécie de elite, tais membros seriam animais lógicos com toda sorte de restrições financeiras não mencionadas no *Parque*.

As leituras mencionadas acima não são as únicas possíveis.

⁸ Já tratei desse último, há mais de dez anos atrás, em [8].

Notemos ainda que não é novo o recurso de permitir tais leituras valendo-se da vagueza de não evidenciar com precisão o cenário imaginário em jogo. *Fim de Partida* de 1957 de Samuel Beckett, por exemplo, faz algo similar [33]. Esse texto não evidencia com exatidão em qual cenário imaginário seus personagens estão inseridos. Diferente desses – especialmente, Nagg e Nell que não têm pernas – os personagens de *Parque* não são, porém, caracterizados por deficiências físicas.

Na verdade, mesmo o HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS ou o HOMEM COM ARAMES NA BOCA não parecem ter esse tipo de propriedade, mas optado por ter um tipo de configuração corporal que justificaria o porquê deles terem tais nomes próprios. Isso é ler que os nomes próprios dos personagens de *Parque* têm o que podemos chamar, sob a influência de Gottlob Frege, de “*Sinn*” [34]. Isso é dizer que, no contexto desse texto, tais nomes próprios contribuem para o conteúdo proposicional ao disfarçarem uma descrição – como “ter as genitálias cortadas” ou “ter arames na boca” – que informa alguma coisa acerca do portador do nome próprio em questão. Esses nomes próprios igualmente indicam que os personagens de *Parque* têm as mais variadas configurações corporais.

Consideremos também as instruções de cena de *Parque*. Ao mesmo tempo que elas descrevem algo que se dá nas páginas de *Parque*, elas apontam para a possível encenação desse texto num palco de teatro. Essas instruções são imperativos que os personagens de *Parque* seguem sem hesitação. Uma interpretação é que tais instruções representam então aquilo que uma espécie de Deus comanda e compele tais personagens a fazerem, como no Gênesis

12:1, *Yhwh* comanda e compele Abrão a agir. Outra interpretação é que as instruções de cena representam o que esses personagens inconscientemente ou conscientemente tomam para si como um dever para com suas tendências animais e tendências lógicas.

Por tendências animais, entendamos tendências libertárias ou individualistas. Elas não são porventura muito diferentes do que Friedrich Nietzsche associa à “vontade de poder”, do que Sigmund Freud nomeia de “pulsão de morte” ou mesmo do que Xinzú, sob a influência de Confúcio, associa ao conceito de “yang” [35] [36] [37]. Essas tendências são as de agir conscientemente ou inconscientemente de acordo com o que seria o mais singular acerca de si ou de procurar fazer com que outros assim o façam. Isso em detrimento do fato que, ao assim o fazer, o que uma comunidade associa à relação, à linguagem, à razão ou à ciência possa ser problematizado e dissenso possa ser promovido. Já tendências lógicas são tendências igualitárias ou comunitárias, elas parecem mais relacionáveis ao que Nietzsche chama de “espírito de rebanho”, ao que Freud associa à “pulsão de vida” ou mesmo ao conceito de “yin” aludido por Xinzú ou, mais geralmente, pelos influenciados por Confúcio [35] [36] [37]. Tais tendências são as de se agir conscientemente ou inconscientemente com o intuito de criar uma comunidade que defenderia os interesses de todos os objetos ou, ao menos, de todos os animais lógicos mesmo que, para tanto, seja preciso sacrificar algo mais singular acerca de si. Por exemplo, ao procurar atingir consenso mesmo com os outros de si.

As instruções de cena indicam que os personagens de *Parque* têm tendências animais e lógicas. Afinal, eles parecem ter a vontade de expressar o que é o mais singular acerca deles mesmos por meio

de interações de certo modo gregárias: aquelas descritas ao longo do *Parque* e que parecem demandar algum tipo de contribuição não exatamente competitiva entre pares. O que as instruções de cena indicam é que, apesar disso, os personagens de *Parque* não parecem ter restrição animal. Pensemos na primeira dessas instruções que abre o *Parque* e em todas as passagens entre as páginas 49 e 51 até o verso, “pêlos, clitóris e pêlos” dito pelo CORO.

Esses trechos iniciais mostram que a MENINA RODAMONHO tem a capacidade de mudar a sua configuração corporal imediatamente, como lhe convém e sem requerer cirurgia plástica. A razão, a improvisação com pedaços de corpo das páginas 74 e 75 enfatiza, é que ela pode “improvisar” com os pedaços de seu corpo e configurá-lo, em última medida, de qualquer maneira que ela possa imaginar. Por exemplo, uma configuração que remeta: à “Alice” das *Aventuras de Alice no país das maravilhas* de 1865 Lewis Carroll; à “Lolita” de *Lolita* de 1955 de Vladimir Nabokov; à Scarlett Johansson aludida na página 51 ou a algum monstro deformado não usualmente associável ao termo, “menina”, que pode ter qualquer tipo de genética [38] [39]. “Desletrando/reletrando xx ou xy até bailarina sem ossos”, diz a MENINA RODAMONHO na página 48. Ora, se, como indica esse verso, esse personagem – e todos os outros de *Parque* – podem mudar suas configurações corporais ao não estarem presos a uma genética, é plausível ler que eles têm variadas capacidades. Exemplos são as de: viver sem órgãos vitais, alimentação ou água; saltar por cima do Burj Khalifa ou mesmo voar feito um caça de guerra, como indicado pelos versos da canção, “*Ace High*”, de 1983 do Iron Maiden citados na página 49. Outros exemplos dessas capacidades que, *Parque* insinua, seus

personagens possuem são as de ser imune a doenças e viver por milênios ou infinitamente.

Na verdade, apesar dos nomes próprios, “MENINA RODAMOLHO” e “MENINA DE TORTA DE MORANGO”, conterem a expressão, “menina”, *Parque* não explicita a idade de suas respectivas portadoras. Uma leitura é que elas portam esses nomes próprios porque elas parecem – ao menos em certos momentos – com o que é usualmente chamado de “menina” e se caracteriza, entre outros fatores, por recorrentemente brincar em parques. Leio que os demais marcadores de gêneros presentes nos nomes próprios dos personagens de *Parque* – “mulher”, “homem”, “o amante” e “a amante” – devem ser lidos no mesmo viés. Em outras palavras, eles indicam que esses personagens, ao menos atualmente, parecem com aquilo que é usualmente chamado de “mulher” e designado pelo artigo “a” ou com aquilo que é usualmente chamado de “homem” e designado pelo artigo “o”. Nenhum desses personagens parece, porém, “homem” ou “mulher” no sentido biológico desses termos.

Afinal, *Parque* não evidencia se as configurações corporais ou mesmo genéticas que tais personagens apresentam no cenário imaginário descrito nesse texto são aquelas com as quais eles nasceram. Na verdade, parece mais plausível interpretar que tais configurações são meramente aquelas que eles adotaram contingentemente no momento que as ações descritas em *Parque* se dão. Não é exagerado dizer então que todos os personagens de *Parque* são de certo modo metassexuais. Isso no sentido que eles estão para além ou, ao menos, resistem serem reduzidos ao que é usualmente chamado de “homem”, de “mulher” ou mesmo de “trans” – ao menos, se por esse último termo entende-se alguém

que, como Julia Serano indica, faz uma escolha mais permanente: mudar de um dado sexo biológico ou gênero social para outro [40]. Tampouco parece particularmente pertinente então qualificar os personagens de *Parque* à luz de termos como “heterossexual” ou ainda “homossexual”.

Mais: não parece particularmente pertinente associar os personagens de *Parque* a algum tipo de “raça” – se é que *pace* Kwame Anthony Appiah, tal termo ainda deve ser usado ou faz algum sentido [41]. A razão é que as próprias cores de pele desses personagens são incomuns ou não são determinadas. O primeiro caso é o do HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA, o da MENINA DE TORTA DE MORANGO e o da MULHER DE LENÇOL DE LEITE cujas cores de pele – à luz de seus nomes próprios que parecem ter *Sinn* – parecem ser, respectivamente, laranja, vermelha e extremamente branca de um modo não exatamente idêntico aos dos que são usualmente vistos como “brancos”, digamos, no Brasil. Já as cores de pele dos demais personagens de *Parque* não são explicitamente determinadas.

Ademais, os personagens de *Parque*, acho plausível interpretar, têm existido por milênios. É por isso que eles, como a MULHER DE LENÇOL DE LEITE, não parecem saber muito bem o que fazer. Em outras palavras, é como se eles já tivessem vivido de muitas maneiras e agora só restasse fazer improvisações idiossincráticas como a “com leite” descrita na página 51. Mais: como se fosse um dever fazer, como a MULHER CADELA e o HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA fazem na página 52, “improvisações pornográficas”.

Essas improvisações indicam de modo particularmente explícito

que os personagens de *Parque* tampouco parecem ter a restrição lógica. Afinal, após terem feito as improvisações pornográficas publicamente, a MULHER CADELA e o HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA não são punidos por uma figura normativa como um policial ou um psiquiatra. Na verdade, tais figuras não parecem nem mesmo existir no cenário de *Parque*. Logo, não parece existir, nesse cenário, nenhum uso de predicados interrogatórios como “ser sexista”, “ser homofóbico” ou “ser racista”. Afinal, qualquer ação feita pelos personagens de *Parque*, mesmo as mais estravagantes e que bem podem parecer evidenciar a carência de *logos* desses personagens, não é seguida de nenhum tipo de consequência social punitiva. Isso é dizer que não parece existir nesse cenário um critério, mesmo que impreciso, para algo merecer o título de “relação”, “linguagem”, “razão” ou “ciência”. Isso é dizer ainda que não parecem existir critérios para uma ação ou fala ser vista como merecedora de alguma alcunha congratulatória como as alcunhas de “moral”, “portadora de sentido cognitivo”, “racional” ou “científica”.

É para esse viés que apontam os diversos versos pronunciados pelos personagens de *Parque*. Esses versos, como os pronunciados pela MENINA TORTA DE MORANGO ou pela MULHER CADELA na página 52, explicitam que não parece existir nenhum tipo de regra, lei ou limite acerca do que pode ou não ser feito ou dito no cenário descrito nesse texto. Está liberada, por exemplo, a *brincadeira* qualificável como pseudo-missionária de manejar publicamente o BONECO DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA, pronunciando dois versos do poema do século XVI, “Ao Santíssimo Sacramento”, de José de Anchieta erroneamente [42] (p. 368). É justamente isso que o HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA faz publicamente

na página 53 dizendo que “ó entranhas piedosos / de vosso **divido amor**”, ao invés de “divino” (**meu grifo**). Está igualmente liberada a *brincadeira* de manejar publicamente uma BONECA DE ARAME COM GENITÁLIAS DE BORRACHA e pronunciar os versos que o HOMEM COM ARAMES NA BOCA pronuncia entre as páginas 53 a 56. O mesmo é o caso da *brincadeira* feita pelos AMANTES DE AGULHA LINHA nas páginas 56 a 57: a de agir publicamente tal como se eles fossem mãe e filho numa espécie de relação incestuosa.

Na verdade, o mesmo é o caso acerca de tudo que merece o título de *brincadeira* e que se dá em todas as páginas de *Parque*. É importante italicizar o termo, “*brincadeira*”. A razão é que ele é usado aqui num sentido técnico de uma ação que tem múltiplas propriedades. A de remeter a ações que crianças usualmente adotam e que são chamadas de “brincadeira” num sentido mais usual é uma dessas propriedades. Outra dessas propriedades é a de ser uma ação que não é feita por crianças mas, sim, por aqueles que parecem ter milênios de anos de idade. Outra dessas propriedades é de apontar para uma possibilidade ilimitada – ou, ao menos, muito menos restrita do que a de animais lógicos do passado assim como do presente – para o exercício daquilo que Jean Paul Sartre chama de “liberdade” [43]. Afinal, no cenário descrito em *Parque*, não parecem existir as mencionadas restrições animal e lógica.

Os personagens desse texto parecem então crianças envelhecidas e sexualmente excessivamente precoces. Mais: eles parecem adultos infantilizados que, na ausência de consequências punitivas, parecem fadados a fazer, por um tempo indeterminado ou até infinito, *brincadeiras*. Isso de um modo repetitivo e sem um propósito bem

definido como indicam, em última medida, todas as ações descritas no *Parque*, sobretudo, talvez depois da página 58 quando talvez fique bem nítido que essas *brincadeiras* se darão até o final do texto.

É por conta disso e dos demais fatores tratados acima que eu interpreto que *Parque*, no seu cerne, é nada mais que uma tentativa de defender *premissa*. Uma objeção a essa leitura parece, todavia, plausível: a que *Parque* não defende a tese que é imaginável uma comunidade de animais lógicos que *não* têm nem a restrição animal e nem a restrição lógica, mas outra tese. Essa, diz uma leitura alternativa, é que é imaginável uma comunidade de “deuses” ou de objetos que não merecem a alcunha de “animais lógicos” mas outras como as de “aliens” ou “super-homens” no sentido dos *Übermenschen* do *Assim falou Zaratustra* de Nietzsche [44].

A primeira parte da minha réplica – próxima de pontos que Sócrates faz no Livro II da *República* entre 379a e 383c – é que a leitura alternativa se vale de um uso do termo, “deuses”, que não parece particularmente pertinente [11] (p.125-133) [12] (p.77-84). Para assim o ser, parece que o termo, “deuses”, precisa dizer respeito a algo associável a algum tipo de “perfeição” como as de: um *Yhwh* no Gênesis; um Krishna no *Bhagavad Gita*; um Jesus nos Evangelhos; um Alá no *Alcorão* etc. Esse não parece ser o caso dos personagens de *Parque*. Afinal, embora eles não possuam as restrições animal e lógica, eles possuem outras.

Por exemplo, o que podemos chamar de restrições animal e lógica amplas. A restrição animal ampla é a de ter animalidade ao possuir um corpo que existe num dado espaço e num dado tempo. Por restrição lógica ampla, tomemos a de ter alguma espécie de *logos* expressável, não por meio de uma linguagem inefável, mas, sim, por

algo que parece ou, ao menos, é bastante parecido com aquilo que se chama de “português”; algo que, sendo assim, limita a imaginação dos personagens do *Parque*. Por exemplo, fazendo-os serem capazes apenas de ter configurações corporais limitadas por tais imaginações qualificáveis como “humanas”.

Os personagens de *Parque*, além disso, têm uma espécie de restrição psicológica: a de expressar todo tipo de conflito entre suas tendências animais e lógicas. Na verdade, eles parecem ser incapazes de atingir uma harmonia entre essas tendências. Logo, suas ações ou, ao menos, algumas delas, são mais facilmente associáveis a uma espécie de doença do que a algum tipo de saúde. “Minha garganta”, diz o *HOMEM COM ARAMES NA BOCA* na página 86, “está doendo”. Isso é uma indicação que esse personagem porta algum tipo de “angústia”, “sofrimento” ou “sofrência”, para colocar em termos sertanejos caros a uma Marília Mendonça.

O mesmo parece ser o caso de todos os outros personagens de *Parque* que – quiçá diferentes de certos personagens da obra de Beckett – há muito perderam o “conforto em serem tristes” [33]. Isso para nos valermos dos termos da canção de 1993 do Nirvana, “*Frances Farmer Will Have Her Revenge On Seattle*”, ressaltando ainda que a perda desse conforto não implica em eliminação do associável à tristeza. Em contraste, o termo, “deuses”, parece ser mais pertinentemente usado em referência aos capazes de fazer essa eliminação; os que, ademais, atingem algum tipo de saúde ao não se deixarem levar excessivamente, como os personagens de *Parque* também parecem fazer, por nenhuma espécie de “μῆνις” (*ménis*), isto é, a primeira palavra da *Iliada* e que Haroldo de Campos traduz por “ira” [1]. *Parque*, em suma, não parece descrever o que, tendo a crer, seria ou, ao menos, seria mais facilmente intitulado de

“comunidade ideal”; uma cujos membros seriam todos capazes de fazer uma síntese entre suas tendências animais e lógicos. Assim, o mais animalesco bem como o mais lógico acerca desses animais se reforçariam mutuamente.⁹

A segunda parte da minha réplica é ressaltar que, embora possa ser plausível chamar os personagens de *Parque* de “aliens”, as “tristezas”, “sofrências”, “sofrimentos” ou “angústias” que eles expressam parecem bem parecidas ou mesmos idênticas a de outros animais lógicos. Essa é uma razão para defender que, embora tais personagens não tenham as restrições animal e lógica, eles, ainda assim, são animais lógicos, mesmo que bem diferentes daqueles que existiram no passado e existem no presente. Na verdade, outro ponto que *Parque* parece sugerir, ainda que mais implicitamente, é que é justamente essa incapacidade de atingir uma harmonia entre tendências animalescas e lógicas que caracteriza uma propriedade necessária ou mesmo uma essência dos animais lógicos. Sob a influência da *Metafísica* (Z 5/6, 1031a12) de Aristóteles ou, mais recentemente, de Fine, entendamos que a essência de um objeto é uma propriedade necessária que materialmente define esse objeto [46] (p.305) [29] (p. 2).

Ora, se os personagens de *Parque* são, apesar de tudo, ainda caracterizados por essa desarmonia entre suas tendências

⁹ Suspendo o juízo se, para o Sócrates da *República*, essa seria uma propriedade da comunidade ideal. Vale a pena mencionar, porém, que essa propriedade é diferente da que, senão Sócrates, ao menos Alain Badiou, sob a influência desse, associa ao que ele chama de “comunismo”, definindo esse em termos de “todo devir que faz prevalecer o em comum sobre o egoísmo, a obra coletiva sobre o interesse privado” [45] (p. 90). A comunidade ideal, tendo a crer, é uma onde o em comum seria uma expressão do egoísmo e vice-e-versa. Nessa comunidade, toda obra coletiva seria uma expressão do interesse privado e vice-e-versa, isto é, não uma comunidade onde as tendências lógicas se sobreporiam ou mesmo eliminariam as animais, mas, sim, uma onde essas duas tendências se reforçam mutuamente atingindo uma síntese saudável. Eu já defendi esse ponto em [5].

animalescas e lógicas, eles não parecem exatamente “super-homens” nietzschianos, ao menos, não se “super-homem” se refere ao que existe para além dessa desarmonia. Na verdade, na página 75, o CORO faz alusão a esse ponto, ao explicitar essa desarmonia e proferir de um modo, particularmente característico de um adulto infantilizado, o seguinte: “*eu sou Nietzsche, eu sou super-homem: nã, nã, não, eu sou Nietzsche, eu sou super-homem: eu sou Nietzsche, eu sou super-homem: nã, nã, não, eu sou Nietzsche ...*”.

3. Da Premissa à Conclusão

À luz de *premissa* – interpreto que *Parque* sugere ainda – não carece de *logos* aquele que infere *conclusão*, ou seja, a tese que ter as restrições animal e lógica *não* é uma propriedade dos animais lógicos. Um modo, até certo ponto, apressado e influenciado por Chalmers de se inferir *conclusão* de *premissa* é pressupondo que uma alcunha apolítica suposta, como “ser intuitivo”, é atribuível a uma linha de raciocínio: a que se x é imaginável, x é possível e se x é possível, não- x não é necessário [31]. Por uma alcunha apolítica suposta, tomemos uma alcunha pretensamente atribuível ao que não diz respeito ao político ao, em última medida, ser rejeitável apenas por aquele ou aquilo que carece de *logos* ou não merece ter a sua existência reconhecida, ao menos, não por objetos do conjunto da “filosofia”. Essas alcunhas exemplificadas ainda por “estar de acordo com as regras de linguagem ordinária”, “ser parte do senso comum” ou “ser capaz de maximizar virtudes teóricas” são largamente adotadas por Quine, Kripke, Fine, Lewis, Chalmers e variados outros [27] [28] [29] [30] [31].

Sob a influência dessa atitude, um animal lógico poderia crer que a inferência de *conclusão* a partir de *premissa* é justificada porque seria “intuitivo” raciocinar nos seguintes termos: se, como *premissa* indica, são imagináveis animais lógicos que *não* têm nem a restrição animal e nem a restrição lógica, tais animais são possíveis. Mais: se esses animais, como os de *Parque*, são possíveis, ter tais restrições – como indicado por *conclusão* – não é uma propriedade necessária dos animais lógicos. Alguns leitores do presente texto talvez acreditem que esse raciocínio merece a atribuição de alguma alcunha apolítica suposta. Para aqueles que, todavia, não pensam assim, proponho uma linha de raciocínio um pouco mais complexa para justificar porque a inferência de *conclusão* a partir de *premissa* é justificada ou, ao menos, porque não parece carecer de *logos* aquele que, como eu, acredita nisso. Isso à luz de um tratamento um pouco mais detalhado dos Passo 1, 2 e 3 mencionados no fim da primeira seção.

A linha de raciocínio em questão começa dando mais uma razão a favor do Passo 1 segundo o qual não parece particularmente pertinente identificar o domínio do necessário ao daquilo que é *a-priori* e analítico. A razão é que o *a-priori* e analítico ou o pretensamente *a-priori* e analítico depende de algo associável ao domínio do poder: a opção por usar um certo termo de um dado modo, independentemente do fato do termo em questão ter sido usado de outros modos e suscitar então uma disputa acerca de como ele deve ser usado, por assim dizer, “para começo de conversa”. Esse fator é ilustrado pelo próprio tipo de exemplo – isto é, “nenhum solteiro é casado” – no qual se Quine se detém [27]. Afinal, mesmo termos como “nenhum”, “solteiro”, “é” e “casado” têm sido usados de variadas maneiras e não são tão precisos quanto se poderia

crer. Mais exatamente, “nenhum”, pode ser pensado de modos diferentes se temos em mente o sistema simbólico de Frege ou um paraconsistente como os de Newton C.A. da Costa [47] [48].

Toda sorte de sentido faz parte da cadeia dos que têm sido associáveis a “solteiro”; o de “triste” é um dele. Também não são poucos, Martin Heidegger explica, os modos que o termo, “é”, tem sido usado [49]. Por vezes “é” é usado no sentido de “ser idêntico a”; outras no sentido de “ser uma propriedade de” etc. “Casado” é igualmente um termo ao qual uma cadeia de sentidos tem sido associável; “triste” também faz parte dessa cadeia. Logo, se “nenhum solteiro é casado” é *a-priori* e analítico depende de uma decisão que não parece necessária: a de usar os termos em questão de um dado modo.

Esse ponto se torna mais explícito quando pensamos em exemplos mais provocativos e que se valem de termos de baixo calão. Por exemplo, “nenhuma *piranha* é casada”, “nenhum *viado* é casado”, “nenhum *crioulo* é casado” etc. Sentenças como essas podem ou talvez tenham de fato sido majoritariamente entendidas em certos contextos, como o do Brasil ou dos EUA do século XVIII, como *a-priori* e analíticas à luz de certas definições de “casamento”. Não é assim, porém, que sentenças, como essas, são usualmente lidas no Brasil ou nos EUA atual. Isso indica que definições, mesmo de termos que podem parecer apolíticos como “casamento”, estão envoltas em questão relacionáveis ao domínio do poder.

À luz de fatores como esse, tendo a crer, embora não possa desenvolver muito detalhadamente no presente texto, que o domínio do necessário deve ser identificado com o do que não diz respeito ao poder; que necessário é, em suma, pertinentemente definível como aquilo que carece de poder. Já o domínio do poder

deve ser identificado com aquele que não diz respeito ao necessário; que poder, consequentemente, é pertinentemente definível como aquilo que carece de necessidade. A distinção entre os domínios do necessário e do poder pode ser, adicionalmente, uma de grau. Isso no sentido que x diz mais ou menos respeito ao necessário à medida que x diz menos ou mais respeito ao poder e vice-e-versa.

A linha de raciocínio um pouco mais complexa a favor da inferência de *conclusão* a partir de *premissa* é justificada ainda por outra razão para o Passo 2; uma razão que é crítica em relação a Quine, Kripke, Fine, Lewis, Chalmers e outros que atuam em Departamentos de Filosofia de países da AUKUS ou da OTAN [27] [28] [29] [30] [31]. A razão é que aqueles, como esses, que se autorizam a descrever suas abordagens ao domínio do necessário ou, mais geralmente a disputas associadas à filosofia como “apolíticas” se valem de um procedimento análogo ao que o presidente dos EUA atual, Donald Trump, adotou no seu discurso de posse do dia 20 de janeiro de 2025 [50]. O procedimento é o de se valer de uma política da apolítica: a de fazer algo que diz respeito ao domínio do poder mas se descrever como dizendo respeito ao domínio do necessário, digamos, por meio de uma alcunha apolítica suposta e da insinuação que se é capaz de pensar à luz do racionalmente inegável.

Trump, interpreto, assim o fez ao falar em termos de uma “revolução do senso comum” defendendo, no entanto, ações, como a de deportar milhões de imigrantes, que dependem de fatores normativos controversos [50]. Analogamente, não são poucos os que, depois de mais de 2500 anos de disputas em filosofia, acham que tais disputas são resolvíveis por meio de um apelo ao pretensamente “intuitivo”, conectado à “linguagem ordinária”, que

maximiza “virtudes teóricas”, etc. Os que acreditam nisso são meus outros (no sentido mencionado no Passo 2). Leia-se: não acho que seus procedimentos sejam os mais pertinentes.

À luz disso, o que caracteriza a linha de raciocínio um pouco mais complexa a favor da inferência de *conclusão* a partir de *premissa* é a rejeição de uma tese mencionada no final do Passo 3: a que adotar a *crença popular* é uma atitude politicamente interessante. Ora, esse não parece ser o caso já que mais interessante politicamente parece ser falar do domínio do necessário com extremíssima parcimônia. Afinal, falatório acerca do necessário é recorrentemente falatório acerca do pseudo-necessário, um que meramente almeja defender alguma ação controversa que diz respeito ao domínio do poder, digamos, sob a base que tal ação só poderia ser rejeitada por um animal lógico que vai contra sua própria essência ao carecer de *logos*. Na verdade, o domínio do necessário pode até mesmo ser praticamente vazio. Talvez, ele só contenha poucos objetos como sentenças aritméticas como “ $1+1=2$ ”.

Isso porque mesmo princípios lógicos tradicionais, como o de não-contradição, o de identidade e o do terceiro excluído, não parecem necessários à luz do desenvolvimento de lógicas como as de da Costa [48].¹⁰ É então, sob a base que é politicamente interessante restringir o domínio do necessário que a inferência de *conclusão* a partir de *premissa* parece justificada, ao menos para mim. Isso é dizer que eu parto de um fator normativo controverso: o de assumir que devemos pensar que se x é imaginável, não- x não é necessário, mas apenas uma pseudonecessidade que implicitamente serve a alguma espécie de política conservadora.

10 Um dos cerne do meu projeto de pós-doutorado atual é desenvolver esse ponto. Não poderei, porém, assim o fazer aqui, porque essa tarefa nos levaria para muito longe do *Parque*.

Por exemplo, uma política que ao falar em nome da *crença popular* almeja, na verdade, defender outra tese que não é modal, mas, sim, normativa. Essa tese, que pode ser chamada de conservadora, é a que não devemos adotar ações que façam uma comunidade de animais lógicos atual se tornar mais parecida com a do *Parque*. Appiah parece apontar para esse viés, após imaginar um cenário não muito distinto do de *Parque* – para a surpresa de Felipe G. A. Moreira que assim o descobriu apenas em 2012, quatro anos depois da articulação do *Parque* [40] (p.19). Alexander Dugin também sugere a tese conservadora; ele critica o que ele vê como uma tendência, sobretudo, de países da OTAN em direção ao “transhumanismo” – “a noção”, segundo Dugin atribuível a Donna Haraway, que “é necessário criar híbridos do homem e de outras espécies com a ajuda da engenharia genética” [51] (p.112) [52].

John Harris, por sua vez, parece problematizar a tese conservadora ao defender que devemos aumentar os investimentos bem como desenvolver com mais afinco pesquisa acerca da engenharia genética [53]. Adicionalmente, não são poucos os que parecem dispostos a se valer dessa última. Evidência disso é o documentário da Netflix sobre Bryan Johnson de 2025, *Don't Die: The Man Who Wants to Live Forever*. Na verdade, mesmo que não dispostos a intervirem em si mesmos de modo tão radical quanto Johnson, são inúmeros os animais lógicos que parecem querer se tornar mais parecidos com os personagens de *Parque*. Os lucros da indústria da cirurgia plástica são evidência desse ponto. Eles indicam que toda sorte de procedimento cirúrgico tem sido feito. Por exemplo, com o intuito de satisfazer algum tipo de critério estético como o propagado pelos filmes de Hollywood. Parece ser igualmente com

esse intuito que incontáveis animais lógicos têm passado horas em academias de ginástica, fazendo musculação, praticando *crossfit* ou adotando variados tipos de regime.

Parque, interpreto, é neutro em relação à tese conservadora. A razão é que esse texto se limita a defender implicitamente *premissa* e *conclusão* sem, no entanto, explicitamente indicar se animais lógicos devem ou não almejar se tornar como os personagens de *Parque*. Afinal, por um lado, tais personagens fazem, na página 80, improvisações com “bilhetes de suicídio” e com “peças de **suicídio**”, o que é uma maneira particularmente explícita de indicar que tais personagens têm experiências associáveis à sofrência, mesmo que eles pareçam incapazes de morrer. Por outro lado, *Parque* também se vale de um vocabulário, de certo modo, “vitalista” como aqueles dos últimos quatro versos pronunciado pelo HOMEM COM ARAMES NA BOCA: “*Calmaria. Veio um balde d’água que sorria. / Eu tive que trocar a camisa do dia / — que ela não suportava mais tanta alegria. / Ela é! E me encharcou do excesso que vivia*”.

Em suma, *Parque* não dá evidência textual se devemos ou não seguir o que a MENINA RODAMOINHO diz, na página 76, que um “*anjo*” disse para ela: seguir “*os imperativos de prazer até o absoluto*”. Na verdade, *Parque* tampouco evidencia se seus personagens são bem ou malsucedidos *vis-à-vis* tais imperativos. Esse texto meramente aponta para um cenário, onde se torna paradoxal a tentativa associável a um *As Flores do Mal* de seguir tais imperativos por meio de outros três qualificáveis como “modernistas”; os de dever: ser marginal; adotar uma linguagem alternativa e elogiar bem como buscar atualizar algo que seja novo. A razão é que no cenário do *Parque*, nem mesmo parecem existir critérios para algo

ser “marginal”, uma “linguagem alternativa” ou “novo” [2]. Afinal, nesse cenário, não parece existir uma restrição lógica que determina em oposição ao que tais alcunhas seriam pertinentemente atribuíveis.

Parque, interpreto então, é uma obra caracterizável como “metamodernista”. “Metamodernismo”, como explico em mais detalhe em [5] (p. 203), é um termo que eu tenho usado em referência ao que reconhece a proeminência, têm consciência e, em última medida, questiona os imperativos modernistas. *Parque*, mais exatamente, é uma ficção científica metamodernista. A “ficção científica”, diz Michel Houellebecq, “exprime os medos de uma época” [54] (p. 361). Por minha vez, diria que a ficção científica exprime os medos dos que querem conservar uma dada época e os anseios dos que querem mudá-la. *Parque* pode ser lido então como uma distopia – por exemplo, pelos defensores da tese conservadora ou por aqueles que pressupõem os imperativos modernistas – ou como uma utopia, digamos, por aqueles que rejeitam a tese conservadora e gostariam de superar as restrições animal e lógica.

Considerações finais

Segue-se que predicados derogatórios como “ser imoral” e outros mencionados na introdução do presente texto, não são atribuíveis ao *Parque*. A razão é que esse último, as seções 1 a 3 indicam, se presta à logicização ao ser traduzível para um objeto do conjunto da “filosofia” que problematiza a *crença popular* inferindo, à luz de *premissa*, *conclusão*. Isso não significa que essa tradução faz o que parece ser impossível para qualquer tradução como a de um

poema escrito em português para um de qualquer outra língua: ser perfeita ao capturar plenamente todos os elementos do texto original. O que a tradução de *Parque* para um objeto do conjunto da “filosofia” descrito acima faz, porém, é justificar as seguintes conclusões.

Parque diz respeito à relação. A razão é que esse texto é uma ficção científica metamodernista. Essa “moralmente” serve tanto aos defensores da tese conservadora que reconhecem que essa não requer a defesa da *crença popular* quanto aos que rejeitam a tese conservadora. Esses últimos podem se interessar por uma descrição do que poderia se dar se todos, como os personagens de *Parque*, pudessem satisfazer os mais variados ou mesmo todos os critérios estéticos que fazem diversos animais lógicos atuais adotarem terapias genéticas, passarem por procedimentos cirúrgicos, se matricularem em academias etc.

Parque diz respeito à linguagem. A razão é que é crucial distinguir entre os personagens de *Parque* e essa obra. Ora, pode ser que alguns ou mesmo a maioria dos versos pronunciados por esses personagens não tenham “sentido cognitivo” à luz de condições demasiadamente restritas propostas por Carnap na décadas de 1920 e 1930 e particularmente pouco atraentes hoje como indico em [13] [5]. Isso não significa, no entanto, que *Parque* no seu todo não faça sentido cognitivo ou seja meramente uma expressão de algum tipo de sentido emotivo.

Parque diz respeito ao conhecimento. A razão é que esse texto, em última medida, indica que *premissa* e *conclusão* fazem parte do conhecimento. O mesmo não é o caso da *crença popular*.

Parque diz respeito ao que existe. A razão é que esse texto trata

de uma possibilidade existente, uma possibilidade que problematiza a perspectiva de alguém que, ao se valer da *crença popular*, não tem a mencionada parcimônia em relação ao domínio do necessário.

Parque não é evidência para a tese tradicional. Leia-se: ele não evidencia que seu autor carece ou, ao menos, não expressa o *logos* tão intensamente quanto um assim chamado ou autointitulado “filósofo” assim o faz por meio de um objeto que faz parte do conjunto da “filosofia”.

Aqueles, como certos críticos literários, que assim o sugerem meramente se valem de uma política da carência de *logos* que injustificadamente afere esse tipo de carência a variados animais lógicos. O presente texto, em contraste, ilustra outra política; a da expansão do *logos*. Essa é uma política que almeja mostrar que carência de *logos* é muito menos facilmente atribuível a animais lógicos do que se pode imaginar. Afinal, o *logos* se diz de um modo igualmente intenso tanto por meio de certos objetos do conjunto da “poesia”, como *Parque*, quanto por meio daqueles do conjunto da “filosofia”, como o presente texto.¹¹

¹¹ Uma outra tese que merece ser chamada de tradicional e que remete às *Nuvens* de Aristófanes é a seguinte: pelo menos um objeto do conjunto da “filosofia” evidencia que seu criador – isto é, um assim chamado ou autointitulado “filósofo”, como Sócrates – carece ou, ao menos, não expressa o *logos* tão intensamente quanto pelo menos um assim chamado ou autointitulado “poeta”, como Aristófanes, assim o faz por meio de um objeto que faz parte do conjunto da “poesia” [55]. Tendo a achar que essa tese ou, ao menos, algumas razões para ela devem ser disputadas. Isso à luz de um objeto do conjunto da “filosofia” que se preste a outro tipo de logicização, aquela de se traduzir os termos desse objeto para os de um do conjunto da “poesia”. Não é particularmente fácil, porém, fazer essa logicização, digamos, quando diante de uma obra como a *Crítica da Razão Pura* de Immanuel Kant [56]. Não sei se um dia ousarei fazer esse outro tipo de logicização. Por exemplo, ao traduzir um *The Politics of Metaphysics* [5] para os termos de um FGAM [4].

Agradecimentos: Felipe G. A. Moreira gostaria de agradecer por comentários a versões anteriores do presente texto, à Amanda Moreira e à Morgana Rech.

Referências

- [1] Homero. *Iliada: Vol.1 e Vol.2*. Trad: Haroldo de Campos. SP: Editora Arx, 2001 e 2003, respectivamente.
- [2] Baudelaire, C. *As Flores do Mal*. Trad: Ivan Junqueira. RJ: Editora Nova Fronteira, 2006.
- [3] Moreira, F.G.A. *Por uma estética do constrangimento*. RJ: Oito e Meio, 2013.
- [4] Moreira, F.G.A. *FGAM*. SP: Patuá, 2021.
- [5] Moreira, F.G.A. *The Politics of Metaphysics*. Cham: Palgrave Macmillan (Springer), 2022.
- [6] Moreira, F.G.A. A Joke: On the Plurality of Worlds and Ostrichist. *The Philosophy of Humor Yearbook*, v. 5, p. 49-70, 2024.
- [7] Moreira, F.G.A. The Obscurity of the Physical: An Objection to Chalmers' Conceivability Argument. *Filosofia Unisinos* 21(3), set.-dez., p. 296-302, 2020.
- [8] Moreira, F.G.A. An Unfortunate Dualist Revisited. *2013 Hawaii International Conference on Arts & Humanities Proceedings*, p.1543-1566, 2013.
- [9] Carvalho, Olavo de. *O Jardim das Aflições*. RJ: Topbooks Editora, 1998.
- [10] Cardoso, H. Olavo de Carvalho não é e nunca foi filósofo. *Jornal Opção*, 2020. URL: <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/olavo-de-carvalho-nao-e-e-nunca-foi-filosofo-299384/> (acessado em 30 de janeiro de 2025).
- [11] Platão. *A República*. Trad: Carlos Alberto Nunes. Belém:

EDUFPA, 2000.

[12] Platão. *A República*. Trad: Anna Lia Amaral de Almeida Prado. SP: Martins Fontes, 2006.

[13] Carnap, R. Superação da metafísica pela análise lógica da linguagem. Trad: Antonio Ianni Segatto. *Cadernos de Filosofia Alemã* v.21, nº 2, jul.-dez., p.95-115, 2016.

[14] Arendt, H. Thinking and Moral Considerations: A Lecture. *Social Research*, Vol.38, No.3, Autumn, p. 417-446, 1971.

[15] Béziau, J-Y. Logic is not Logic. *Abstracta* 6: 1, p. 73-102, 2010.

[16] Peirce, C.S. The Fixation of Belief. *Popular Science Monthly* 12 (1), p. 1-15, 1887. URL: <https://philarchive.org/rec/PEITFO> (acessado em 30 de janeiro de 2025).

[17] Muniz, F. Platão contra a arte. *Os Filósofos e a Arte* (ed. Haddock-Lobo, R.), p.15-42. RJ: ed. Rocco, 2010.

[18] Pucheu, A. Dois movimentos para o Íon, de Platão. *Comum*, v.10, nº 23, jul.-dez., p.27-62, 2004.

[19] Deleuze, G., Guattari, F. *O que é a filosofia?* Trad: Bento Prado Jr. e Alberto Alonzo Muñoz. SP: ed. 34, 1992.

[20] Losso, E. G. B.. Mística e antimística, simbolismo e crítica literária. *Intellèctus*, v. 17, p. 92-111, 2018.

[21] Gettier, E.L. Conhecimento é crença verdadeira justificada? Trad: André Nascimento Pontes. *Perspectiva Filosófica*, Recife, v.1, nº39, jan.-jun, p.124-127, 2023.

[22] Kissinger, H. *Does America Need a Foreign Policy?* NY: Simon & Schuster, 2001.

[23] Dussel, E. *Política de la Liberación: Historia mundial y crítica*. Madrid: Editorial Trotta, 2007.

[24] Camões, L. d. *Os Lusíadas*. Lisboa: Instituto Camões, 2000.

[25] Viveiros de Castro, E. *Metafísicas canibais*. SP: ed. Ubu, 2018.

- [26] Hume, D. *Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*. Trad: José Oscar de Almeida Marques. SP: Unesp, 2004.
- [27] Quine, W.V.O. Dois dogmas do empirismo. Trad: Marcelo Guimarães da Silva Lima. *Ensaio (Coleção "Os Pensadores 52" Ryle, Austin, Quine e Strawson)*, p. 237-254. SP: Abril, 1975.
- [28] Kripke, S. *O nomear e a necessidade*. Trad: Ricardo Santos e Teresa Filipe Lisboa: ed. Gradiva, 2012.
- [29] Fine, K. Essence and Modality. *Philosophical Perspectives* 8, p. 1–16, 1994.
- [30] Lewis, D. *On the Plurality of Worlds*. MA: Blackwell, 1986.
- [31] Chalmers, D. *The Conscious Mind*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- [32] Smullyan, R.M. An Unfortunate Dualist. *The Mind's I* (ed. Hofstadter, D.R.; Dennett, D.C.) NY: Basic Books, 1981.
- [33] Beckett, S. *Fim de Partida*. Trad: Fábio de Souza Andrade. SP: Cosac Naify, 2002.
- [34] Frege, G. Sobre o sentido e a referência. Trad: Sérgio R. N. Miranda. *Fundamento – Rev. de Pesquisa em Filosofia*, v.1., nº3, maio-ago., 2011.
- [35] Nietzsche, F. *Genealogia da Moral*. Trad: Paulo César Lima de Souza. SP: Companhia das Letras, 2008.
- [36] Freud, S. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)*. Trad: Paulo César Lima de Souza SP: Companhia das Letras, 2010.
- [37] Xunzi. *The Complete Text*. Trad: Eric L. Hutton. Princeton: Princeton University Press, 2014.
- [38] Carroll, L. *Aventuras de Alice no país das maravilhas*. Trad: Sebastião Uchoa Leite. SP: Summus, 1980.
- [39] Nabokov, V. *Lolita*. Trad: Sergio Flaksman. RJ: Alfaguara Brasil, 2011.

- [40] Serano, J. *Outspoken: A Decade of Transgender Activism and Trans Feminism*. Oakland: Switch Hitter, 2016.
- [41] Appiah, K.A. *The Ethics of Identity*. Princeton: Princeton University Press, 2005.
- [42] Anchieta, J. *Poesias*. SP: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1954
- [43] Sartre, J.P. O existencialismo é um humanismo. Trad: Vergílio Ferreira. *Coleção “Os Pensadores 45” Sartre e Heidegger*. SP: Abril, 1973.
- [44] Nietzsche, F. *Assim falou Zaratustra*. Trad: Paulo César Lima de Souza. SP: Companhia das Letras, 2011.
- [45] Badiou, A. *Éloge de l’Amour*. Paris: Flammarion, 2009.
- [46] Aristóteles. *Metafísica*. Trad: Giovanni Reale e Marcelo Perine. SP: Edições Loyola, 2002.
- [47] Frege, G. *Conceitografia*. Trad: Paulo Alcoforado, Alessandro Duarte e Guilherme Wyllie. RJ: Editora do PPGFIL-UFRRJ, 2018.
- [48] da Costa, N. C. A. *Ensaio sobre os fundamentos da lógica*. SP: Hucitec, 1994.
- [49] Heidegger, M. *Introdução à metafísica*. Trad: Emmanuel Carneiro Leão. RJ: Tempo Brasileiro, 1999.
- [50] Trump, D. *Inaugural Address*. January 20, 2025. URL: <https://www.whitehouse.gov/remarks/2025/01/the-inaugural-address/> (acessado em 30 de janeiro de 2025).
- [51] Dugin, A. *Putin vs. Putin*. Budapeste: Arktos, 2014.
- [52] Haraway, D. A Cyborg Manifesto: Science, technology and socialist-feminism in the late twentieth century. *The Cybercultures Readers* (ed. Bell, D., Kennedy, B.M.). London: Routledge, 2000.
- [53] Harris, J. *Enhancing Evolution*. Princeton: Princeton University Press, 2007.

- [54] Houellebecq, M. *Interventions*. Paris: Flammarion, 2020.
- [55] Aristófan. *As Nuvens*. Trad: Mário da Gama Kury. RJ: Jorge Zahar Editor, 2003.
- [56] Kant, I. *Crítica da razão pura*. Trad: Fernando Costa Mattos. RJ: Vozes.

PARQUE

PERSONAGENS

(todos fazem parte do CORO)

MENINA RODAMOINHO

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

MULHER CADELA

HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA

MENINA DE TORTA DE MORANGO

HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS

HOMEM COM ARAMES NA BOCA

O AMANTE DE AGULHA E LINHA (com diversas palavras
costuradas no corpo)

A AMANTE DE AGULHA E LINHA (com diversas palavras
costuradas no corpo)

Improvisações para MENINA RODAMONHO com pedaços do seu corpo: rodando o braço direito com a mão esquerda, o coração saindo pela boca, os cabelos enrolados aos intestinos, o útero escorrendo pela orelha...

MENINA RODAMONHO

Diferença... Alguma?

CORO

Talvez.

MENINA RODAMONHO

E agora?

CORO

Talvez.

MENINA RODAMONHO

*desletrando/reletrando xx ou xy até bailarina sem ossos desletrando/
reletrando bailarina sem ossos até arionossosembaila*

*(run
live to fly
fly to live
aces high)*

CORO

Talvez.

MENINA RODAMONHO

Eu-monstro, tu-monstro, ele monstro, eu me deformato, tu te deformatas, ele se deforma... E ainda precisa de toda água sanitária da língua para lavar o corpo do desejo do tédio dos olhos da boca?

CORO

Precisa!

MENINA RODAMOLHO

Precisa de toda água sanitária da língua para lavar os pés dos lábios dos fios dos cabelos do fígado dos dedos?

CORO

Precisa!

MENINA RODAMOLHO

Dos mamilos das pálpebras do sexo do umbigo da barriga do baço?

CORO

Precisa!

MENINA RODAMOLHO

Do estômago do cu dos braços dos peitos das pernas da língua da pele falante de mim? Toda água sanitária da língua até secar? Secaria? Arionossosembaila! E eu deverei ter nenhum osso!

CORO

Talvez.

MENINA RODAMOLHO

Traz um aparelho pra me aperfeiçoar.

CORO

Teu corpo?

MENINA RODAMOLHO

Meu corpo.

CORO

Corpo de oceano? Oceano de corpo? Kkkk. (= risos)

MENINA RODAMOLHO

*Eu espanquei ondas!
Meus lábios nunca foram mais laranja gordos.*

CORO

Tipo de dez versos des-forma de versos dez ex? Tipo de teta, poça, chafariz, nuca, língua, rio, nariz, teta, poça, chafariz, nuca, língua, rio, nariz, teta, poça, chafariz, nuca, língua, rio, nariz...

MENINA RODAMOINHO

Tipo de teta, poça, chafariz, nuca, língua, rio, nariz, teta, poça, chafariz, nuca, língua, rio, nariz, teta, poça, chafariz, nuca, língua, rio, nariz...

Até que MENINA RODAMOINHO se torna uma espécie de SCARLLET JOHANSSON deformada. Alguns membros do CORO se tornam CACHORROS brincando, mordendo, mastigando ela.

CORO

*Por pornografia de infarto solar amarelo, amarelo, amarelo,
nós mastigamos corpo de Scarllet Johansson
e quando tudo comestível, tudo cagável,
tudo cu-boca, cu-boca, cu-boca,
nós também somos bebê macaco obeso,
desbraçado, despernado
pondo-se
(quando ali entre pernas enfiado)
a esparramar-se em desfigurada torta de manga:
pêlos, clitoris e pêlos.*

Improvisações para MULHER DE LENÇOL DE LEITE com leite (de uma altura considerável, ela fica derramando leite de um copo para outro): 1- não chorar sobre ele derramado. 2- Me mergulhar nele com biscoitos. 3- Ser feita dele e me derramar pela cozinha. 4- Talvez meu rosto: como ele. 5- Ferver um elefante de leite. Beber um elefante de leite. 6- Ele com vodka, com café, com chocolate. 7- Um céu de leite. Um sol de leite. ...

Improvisações pornográficas para MULHER CADELA e HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA com chupar, pau, buceta, fuder, putinha, boca...: *brinca com a minha buceta, brinca com o meu cu, brinca de mamar meu pau, chupa a minha língua tesuda, de tesudinha, eu deixo também lambe a língua do meu cu, do meu sovaco, do teu suor, do meu fedor, goza na minha boca, quando eu brinco com saliva no teu pau, todo o cabo, todas as gotas, eu mamo, e goza gostoso na sua putinha, na sua vaquinha, goza, me arregaça, me deixa molhadinha, lambe meu saco, rasga meu piru, benzinho, sangra minhas costas, morde a minha boca, quero gozar na tua cara, mijar na tua cara, rasgar o teu rasgo, comer a tua pele, lambe os teus órgãos, chupa meu rasgo, castiga meu cuzinho, esfola meu pau, senta na minha cara, deixa eu mastigar a tua merda das entranhas do cu, fica calada, puta, bota o pé na minha cara, se eu não quiser ficar calada, esporra na minha boca, deixo eu te rasgar, me rasga, me rasgo toda, eu me rasgo, eu me arregaço toda, eu sou a sua fadinha, eu sou a sua putinha, corta minha pau útero mastiga teu sangrar gostosa peito arromba meu boca orelha pelos poros pêlos suor ereto corta, mastiga minha cu, vaca, tesudo, até o útero, te fazer sangrar merda, me dá um beijinho, lindinha, enfia um gato na minha buceta, enfia um coelho, enfia um braço, me espanca com vara, me fode com vara no cu, bate, bate mais forte, goza na minha cara, deixa eu chupar tuas tetas até teu leite de vaca jorrar, deixa eu beijar teu útero, deixa eu te castigar, sua putinha, esfolar teu peito, arrancar teu mamilo, bate na minha cara, me manda calar a boca, diz que você quer chupar todos os pêlos da minha buceta até secar...*

MENINA DE TORTA DE MORANGO e MULHER CADELA pegam o boneco do GIGANTE COM BARRIGA DE ÁGUA DE SOL, tentando fazer com que ele faça, aquilo que dizem.

MENINA DE TORTA DE MORANGO

Precisa fazê-lo esfaquear a barriga de água de sol de linguagem.

MULHER CADELA

Precisa fazê-lo engolir sol: permitir a analogia: órgãos / estampados — pele / abajur.

MENINA DE TORTA DE MORANGO

Precisa barriga de água de sol: os raios de sol respigando por toda parte: gotas de sol, nos corpos, gotas de sol, nos lábios, gotas de sol, nas folhas...

MULHER CADELA

Precisa também raios de sol de pôr de sol vermelholilás fazer brilhar, raios de sol de sol azul / rosa / roxo / laranja / verde... fazer brilhar.

HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA toma a voz do BONECO DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA.

HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA

(fazendo o BONECO DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA mergulhar na barriga do gigante)

*Ó entranhas piedosas
de vosso dividido amor.*

HOMEM COM ARAMES NA BOCA pega e toma a voz de uma BONECA DE ARAME COM GENITÁLIAS DE BORRACHA (feita com os arames que saem da boca dele).

HOMEM COM ARAMES NA BOCA

*Evoluindo uma metáfora de mar até “o mar está no copo”.
(ele joga o copo no chão)*

HOMEM COM ARAMES NA BOCA

Agora morremos afogados!

**HOMEM COM ARAMES NA BOCA / BONECA DE ARAME
COM GENITÁLIAS DE BORRACHA**

E depois?

HOMEM COM ARAMES NA BOCA

Nós ressuscitamos.

**HOMEM COM ARAMES NA BOCA / BONECA DE ARAME
COM GENITÁLIAS DE BORRACHA**

E depois?

HOMEM COM ARAMES NA BOCA

Você anima de mastigar água com vidro comigo?

**HOMEM COM ARAMES NA BOCA / BONECA DE ARAME
COM GENITÁLIAS DE BORRACHA**

E depois?

HOMEM COM ARAMES NA BOCA

Faço um retrato do teu coração com cacos de vidro d'água.

**HOMEM COM ARAMES NA BOCA / BONECA DE ARAME
COM GENITÁLIAS DE BORRACHA**

E depois?

HOMEM COM ARAMES NA BOCA

Faço um vestido de água de vidro.

**HOMEM COM ARAMES NA BOCA / BONECA DE ARAME
COM GENITÁLIAS DE BORRACHA**

E depois?

HOMEM COM ARAMES NA BOCA

Eu deverei ser água.

**HOMEM COM ARAMES NA BOCA / BONECA DE ARAME
COM GENITÁLIAS DE BORRACHA**

E depois?

HOMEM COM ARAMES NA BOCA

Tu deverás ser vidro.

HOMEM COM ARAMES NA BOCA / BONECA DE ARAME COM GENITÁLIAS DE BORRACHA

E depois?

HOMEM COM ARAMES NA BOCA

*nunca
mais alegria de
farrapo
de pássaro
fiapo
de flor
de algo que ver
com beijo
medo
susto
e súbito
foi
mas
concentrada
como o álcool
instaurada
pelos poros
feito um suor
um fervor
um amor
através do qual
eu
com muito esmero
com muito esmero
vou
e já estou
e já estou
e vou
e vôo*

*pr'uma
fotografia
estourada
de luz
fritada
por Deus
atualizada num presente
contínuo
de rios
de riso*

**HOMEM COM ARAMES NA BOCA / BONECA DE ARAME
COM GENITÁLIAS DE BORRACHA**

E depois?

...

MENINA DE TORTA DE MORANGO

(cantarolando e rolando)

Eu só quero bola de bebê de neve rolar.

Eu só quero bola de bebê de neve rolar.

Eu só quero bola de bebê de neve rolar.

Eu só quero bola de bebê de neve rolar.

...

Os AMANTES DE AGULHA E LINHA pegam e tomam as vozes dos BONECOS DE MÃE e FILHO: a mãe está dando banho no menino que está em pé e nu, numa bacia.

A AMANTE DE AGULHA E LINHA / MÃE

Deixa-me ver essas unhas.

(MÃE pega a mão do menino)

A AMANTE DE AGULHA E LINHA / MÃE

Prefira unhas limpas.

O AMANTE DE AGULHA E LINHA / FILHO

Mas eu nunca tive unhas limpas.

(MÃE joga água, na cabeça do menino)

O AMANTE DE AGULHA E LINHA / MÃE

Deixa-me ver essas unhas.

(MÃE pega a mão do menino)

O AMANTE DE AGULHA E LINHA / MÃE

Prefira unhas limpas.

A AMANTE DE AGULHA E LINHA / FILHO

Mas eu nunca tive unhas limpas.

...

Ao redor da bacia, entram ULTRALEVES voando com faixas publicitárias excessivamente grandes, nas quais se lê a próxima fala do CORO.

CORO

*máquina
publicitária
promete
para
próximo
verso
coelhinhos
coelhinhos
coelhinhos
e
os
derradeiros
antílopes
sem
alma
sobre
teus
mamilos
violeta*

O CORO rasga as faixas, sujando todo o palco e se veste com jornais.

Metade 1 (A AMANTE DE AGULHA E LINHA, HOMEM COM ARAMES NOS DENTES, HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS e MULHER DE LENÇOL DE LEITE) varrendo o palco.

Metade 2 (O AMANTE DE AGULHA E LINHA, MENINA DE TORTA DE MORANGO, MULHER CADELA e HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA) rasgando jornais e espancando com jornais a metade 1.

Alternar:

METADE 1

Limpar, limpar, limpar, limpar...

METADE 1

(cantarolando)

...e o banheiro e o quarto, e a cozinha e a sala, e na louça, os pratos, os talheres e os copos, e o banheiro e o quarto, e a cozinha e a sala, e na louça, os pratos, os talheres e os copos, e o banheiro e o quarto, e a cozinha e a sala, e na louça, os pratos, os talheres e os copos ...

METADE 2

Você não está bem informado! Você não está bem informado!

HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA

*Tive idéia para roteiro de poema de TV:
sem eventos até que se viu que
bem que podia se masturbar com bibelôs-torre Eiffel.
No quinto verso, havia
vinte e três mil genitálias secando no varal.
Depois,
nada com a,
nada com b,
nada com lantejoulas
se espalhando como nariz nunca deveria*

numa família.

E,

quando trouxe meu casaco de penas de pomba,

ninguém se importou,

daí no próximo verso: arrancar pele, lambe ossos...

Porque somente poema programado

para ser lido em 2027 e

provocar outro que

teria 25 versos inaláveis

seria tão cheio de

meninas, árvores e lagos.

Entra MENINA RODAMOINHO equilibrando-se sobre uma imensa maçã verde rodando sobre si e descendo sobre o palco. Nela, várias imagens indiscerníveis são projetadas.

MENINA RODAMOINHO

cinema tela-maça descascando maçãs: lençóis: pétalas: pele (corpo descascado de sol, eu tentando pegar a tua pele, mas a pele descascava): olho: fúrias aquosas de pétalas do olho da imagem: no cinema tela-maçã, milhões de cascas de telas maçãs descascando um avião-geléia deformável pelo ar que a nuvem-máquina de cortar papel cortou um meu olho, ou um teu olho, ou um seu olho se descascando: despetalando: olho meu minha maçã flor! pra culminar num cinema tela-maçã.

CORO

Olho meu minha maçã flor!

Por vezes, como se por acaso, certas imagens se fixam, antes de descascar.

Exemplo 1: ADOLESCENTE ROMÂNTICA olhando pela janela.

ADOLESCENTE ROMÂNTICA

Havia (eu preciso de)

você,

ou, sobretudo,

*a ópera
que argumenta pássaro, veias e terror
em você,
quando,
na tarde violeta de inverno,
as janelas dos meus olhos
se liquidificam,
pombinha celeste tranqüila tom
ba.*

Eu quero um beijo

Exemplo 2: uma pipa, quebrada pelo vento, tombando, um pássaro, uma mulher se jogando da ponte, um homem andando na rua.

OFF

*uma não pássaro pipa voando ou um pássaro com asas de galhos
quando o vento apertou quebrou tombou era como ela morrendo
ou ela morrendo era como uma pipa tombando ou eu era como
ela morrendo ou como um pássaro com coleira voando*

MENINA RODAMONHO

Eu espanquei ondas!

CORO faz com que o BONECO DE GIGANTE COM BARRIGA DE SOL esmague o cinema tela-maça num olho verde: ele levanta e vira a maçã, fazendo-a parecer com uma roda, um olho girando. A MENINA RODOINHO fica em cima, rodando a maçã / olho / roda, enquanto que por dentro ou, ao menos ao redor dela, o CORO entra correndo.

MENINA RODAMONHO

(cantarolando)

*Poema parque! Poema puteiro!
Poema parque! Poema puteiro!
Poema parque! Poema puteiro!
Poema parque! Poema puteiro!*

CORO

*mergulhamos nos teus olhos verdes
(como vacas transcendentais imersas
em campos verdejantes de verde pastamos)*

*mergulhamos nos teus olhos verdes
(enfiamos um vestido verde
pelos teus poros arrombados os ratos)*

*mergulhamos nos teus olhos verdes
(mastigamos os órgãos
dos alienígenas verdes mortos)*

*mergulhamos nos teus olhos verdes
(afogamos em vísceras gelatinosas
de limão de veias verdes com porcos)*

Cinema tela maçã sai rodando para fora do palco. Pausa longa.
Alguns membros do CORO fingem estar GOTEJADOS NAS
ÁRVORES.

Alternar:

1

CORO / GOTEJADOS NAS ÁRVORES

*Eu-árvore.
Tu-árvore.
Ele-árvore.
Nós-árvore.
Vós-árvore.
Eles-árvore.*

2

CORO / GOTEJADOS NAS ÁRVORES

(cantarolando)

Coisar, coisar, coisar, coisar, coisar, coisar, coisar...

3

CORO / GOTEJADOS NAS ÁRVORES

(cantarolando)

*Enquanto poema pra pausa não vem,
não vem, não vem.*

*Enquanto poema pra pausa não vem,
não vem, não vem.*

HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA

(enquanto entram areia, barraca, duas cadeiras, onde ele e a
MENINA DE TORTA DE MORANGO se sentam e se beijam)

Prefira superpor

“Veio um sopro de otimismo: agora sou contente.

Queria manter com álcool.

Queria manter com afeto.

*Levo palavras e meu amor na praia,
pra ver se eles pegam uma cor.*

Nesse verão, nós não morremos.

*Somos felizes e o sol sustenta ser amarelo, alegre e leve”,
quando disser:*

“eu te amo como um golfinho!”.

MENINA DE TORTA DE MORANGO

Eu te amo como um golfinho!

Entram MULHER DE LENÇOL DE LEITE e HOMEM COM
ARAMES NA BOCA, abraçados.

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Me beija.

(ele beija)

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Me beija!
(ele beija)

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Mais forte!
(ele beija)

HOMEM COM ARAMES NA BOCA

*Passamos a noite toda fracassando
uma metáfora de violeta ou de anjo.
Quero que você seja minha violeta.*

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Eu sou sua violeta.

HOMEM COM ARAMES NA BOCA

Quero que você seja meu anjo.

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Eu sou seu anjo.

HOMEM COM ARAMES NA BOCA

Fracassando.

(Dizer (a) e / ou (b))

(a)

*Até despedaçar metáforas numa literalidade de pele:
Pegue essa maçã e passe na buceta.*

(b)

*Até materialização da metáfora de anjo num rubor de rosto.
(ele diz algo no ouvido dela. Ela sorri. Eles se beijam.)*

Em cima de um BRINQUEDO DE ÔNIBUS entra o HOMEM
COM AS GENTITÁLIAS CORTADAS tomando a voz do

BONECO DE EXECUTIVO. Ele tenta puxar uma imensa camisa azul / céu que balança e ocupa boa parte do palco.

HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS / BONECO DE EXECUTIVO

*O céu é azul,
como uma camisa
que eu pudesse
puxar para dentro
pela janela
e enrolar
na cabeça
um céu,
como um mar
que eu pudesse
puxar para dentro
pela janela
e enrolar
na cabeça
um mar.*

...

Pausa longa.

HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA

*Vamos brincar de cristianismo agora.
Eu vou tentar ser bom.
Você vai ser bom?*

*Prefira pensar na perfeição do reino do senhor, quando cantarolar:
nós
anjinhos
gostosos
felpudos
dengosos
nós*

*os
leitões
leitosos
de
brancura
brancosos*

(ele fica repetindo várias vezes, até todos decorarem)

CORO

(cantarolando, repetindo várias vezes)

*nós
anjinhos
gostosos
felpudos
dengosos
nós
os
leitões
leitosos
de
brancura
brancosos*

MENINA RODAMOLINHO

*Quero ser anjo.
Coloco asas de papel,
e vôo até voar.*

CORO

Mais!

MENINA RODAMOLINHO

Eu fico voando até voar...

CORO

Mais!

MENINA RODAMOLHO

*Fico voando até voar
Voando
até voar!*

CORO

Mais!

MENINA RODAMOLHO

*Súbito:
asas que se petrificam no vôo
me fazem tom
bar.
Eu sou teu anjo de pedra!
Peço:
amarele-me de amarelo,
faça de cabelos loiros
um tanque de amarelo surgir
nascer / renascer.*

CORO

Mais!

MENINA RODAMOLHO

*Humano humaniza-me.
Sou a estátua do anjo de pedra
tombando no tanque de amarelo
dos cabelos de uma menina
bem boba alegre
sofrendo:
quero mais vida*

CORO

Mais!

...

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Agora vamos brincar de des-ser:

O primeiro que mexer...

(alguém mexe)

Perde!

*Ou prefira não andar na cozinha sem passos andando,
não abrir a geladeira sem dedos abrindo,
não beber cerveja sem boca bebendo...*

Todos tentam ficar parados por alguns instantes, até que a MENINA DE TORTA DE MORANGO interrompe.

MENINA DE TORTA DE MORANGO

Prefira...

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Não prefira!

MULHER CADELA

Prefira...

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Não prefira!

MENINA DE TORTA DE MORANGO

Prefi...

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Não!

MENINA DE TORTA DE MORANGO

Pre...

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Não!

MENINA DE TORTA DE MORANGO

P...

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Não! Não! Não! Não prefira! Não queira! Não goste! Não ame!

MENINA DE TORTA DE MORANGO

Prefi...

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Não!

MENINA DE TORTA DE MORANGO

Pre...

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Não!

MENINA DE TORTA DE MORANGO

P...

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Não! Não! Não! Não prefira! Não queira! Não goste! Não ame!

Entram os AMANTES DE AGULHA E LINHA costurados um ao outro.

AMANTES DE AGULHA E LINHA

(cantarolando, tentando se mexer)

*beija minha boca, beija minha testa, beija minha bochecha,
beija minha orelha, beija minha nuca, beija meu pescoço, beija
meu ombro, beija meu peito, beija meu mamilo, beija minha
barriga, beija meu umbigo, beija meus pêlos, beija minha buceta,
beija meu piru, beija minha bunda, beija meu cu, beija minhas
costelas, beija minhas costas, beija minhas coxas, beija minha
perna, beija meu calcanhar, beija meu tornozelo, beija meu pé,
beija meu dedo, beija minha unha, beija minha sola...*

AMANTES DE AGULHA E LINHA

*Nós — amantes de agulha e linha —
nos costuramos: “inefável”,
“amor”, “eterno”... Toda minha
língua, todo o meu / seu — “amável!”*

*“amável!”: costurar por — corpo:
(não?) “sim”. Sem rosas, ou elefantes,
ou violinos, surgem (transtorno)
notas — entre linhas — infantes:*

*“lindinha”, “fadinha”... Queria
soprar um elefante rosa
de espuma: queria! Não consigo:
costuro: “pétala”. Des-rosa:*

*a letra num “te amo”, “te adoro”
costurando / des-costurando
até leitmotiv da metáfora
de vestido indo: eleeu!, quando*

*em resquícios de ego de pano,
corria, corria: “por que?” “você,
eu...” . Amantes de agulha e linha,
queríamos um oceano plano.*

HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS

Sobre erguer bem estar e catedrais.

(ele pega esses objetos e brinca)

*Sentindo uma improvisação com vestido de princípio de
gravidez e natimorto, uma improvisação com grama e aborto,
uma improvisação...*

MULHER CADELA

Ergues um bem estar assim?

HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS

Ó, tão difícil quanto catedrais.

MULHER CADELA

Por que não tenta erguer com sol, sorvete de limão e Ipanema?

HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS

Ó, tão difícil quanto catedrais.

MULHER CADELA

Por que não ergues com ventilador de teto, beijos e amor?

HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS

Ó, tão difícil quanto catedrais.

Mas nunca ninguém

uma

improvisação com avião e acidente

sentiu

como eu

agora

ninguém

nunca.

MENINA DE TORTA DE MORANGO

Abelha...

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Não abelha!

MENINA DE TORTA DE MORANGO

Abelha...

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Não abelha!

MENINA DE TORTA DE MORANGO

Abel...

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Não!

MENINA DE TORTA DE MORANGO

Ab...

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Não!

MENINA DE TORTA DE MORANGO

A...

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Não! Não! Não! Não abelha! Não quero! Não gosto! Não amo!

O AMANTE DE AGULHA E LINHA

(ainda costurado com A AMANTE DE AGULHA E LINHA, o
que se mantém até o final da cena)

Nunca mais volto a chupar teu sol varizento,

porque nunca estás nua o bastante.

Mesmo liquidifiquei o último e-mail de amor

em cavalos marinhos, rosas, Educação sentimental e veias.

Pouco importa

— fio desencapado

em carne e viva da linguagem —,

“lindinha”, “fadinha”.

*Quando de pássaro morto com gárgula encharca esgoto pano de
prato seca coxas da menina gorda morta se desprende de flor da
pele da corda estupro de garganta vermelha rosa
inflamada*

som

*que poema para pausa não virá,
mas apenas mais cisnes e crianças incestuosas,
termina sempre dizendo:
“ai, como deve ser bom ser amado por uma italiana”.*

A AMANTE DE AGULHA E LINHA

*Eu sou a sua bonequinha-robô.
Aperta a tecla “amor”, eu amo.
Aperta a tecla “falar”, eu falo.
Aperta a tecla “beijar”, eu beijo...*

A AMANTE DE AGULHA E LINHA

Você gosta de mim?

O AMANTE DE AGULHA E LINHA

Gosto.

A AMANTE DE AGULHA E LINHA

Muito ou pouco?

O AMANTE DE AGULHA E LINHA

Muito.

A AMANTE DE AGULHA E LINHA

Você gosta de mim?

O AMANTE DE AGULHA E LINHA

Gosto.

A AMANTE DE AGULHA E LINHA

Muito ou pouco?

O AMANTE DE AGULHA E LINHA

Pouco.

A AMANTE DE AGULHA E LINHA

Você gosta de mim?

...

HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA pega e toma a voz do BONECO DE BEBÊ DINOSSAURO.

HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA / BONECO DE BEBÊ DINOSSAURO

*Se bebê dinossauro
não sabe dizer: “bom dia”
para sua namorada,
diz: “bomzia”,
se não sabe,
diz: “bomlia”
se não sabe,
diz: “bombia”,
se não sabe...*

HOMEM COM ARAMES NA BOCA pega e toma a voz do BONECO DE PALHAÇO.

HOMEM COM ARAMES NA BOCA / BONECO DE PALHAÇO (com bateria des-ritmada)

*História do era uma vez ninar do mais boneco horrendo querido
meu mastigando vidro gratuito pra sangrar bochecha
(ah! e sempre tão nostálgico das meninas que fuzil deflorou
vermelho quase não podia que lacrimejar)
termina em súbita corrente contínua suor maquiagem escorrendo
donde em poça só tinta
pugas
pululam
pugas
pugas
pululam
pugas
pugas
pululam
pugas
pugas
pululam
pugas...*

HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS monta
na MULHER DE LENÇOL DE LEITE.

HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS

Prefira passear pelo jardim cheio de som e comida.

Agora coma sons.

Agora cante comida.

Rasteje por migalhas sonoras.

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Corpo, porco, polvo, nojo, louco, horto, rouco, roxo...

HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS

Diga: “por favor”, senão não vai vir nada de bom.

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Por favor.

HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS

Diga: “por favor”.

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Por favor.

HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS

Você ainda não está toda arrombada e escorre.

Você ainda não escorre.

Diga: “por favor”. Diga: “por favor”, vadia.

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Por favor, por favor, por favor, por favor...

Improvisações para MENINA RODAMONHO com pedaços do corpo: a cabeça no pé, sobre a cabeça, o coração, os pés dentro do estômago, o útero na boca, as orelhas nas mãos... : 1- eu sou a MENINA RODAMONHO. 2- *fatiei minha língua em*

carreirinhas de cocaína. 3- a pele da pele da pele da pele do útero do útero do útero da letra da letra da letra da letra... 4- vísceras que eu chupei de mim morta culminam por vezes por acaso numa claridade de sexo de fadas azul transcendente brilhando... 5- Fui até a esquina de “fora de mim”, não fui? Não sei se comprei, se não comprei pão. 6- ‘Gora eu vou pegar um corpo pra mim / talvez de peixe e destroços de avião, / ou de folhas com migalhas de pão / de pele de atriz morta com jasmim. 7- flor, folha, fada até bolhas da língua, flor, folha, fada até bolhas na língua, flor, folha, fada até bolhas da língua, eu passei o dia todo, eu passei a noite toda...

Ao fundo, todos discutindo.

CORO

...eu sou Nietzsche, eu sou super-homem: nã, nã, não, eu sou Nietzsche, eu sou super-homem: eu sou Nietzsche, eu sou super-homem: nã, nã, não, eu sou Nietzsche, eu sou super-homem: eu sou Nietzsche, eu sou super-homem: nã, nã, não, eu sou Nietzsche, eu sou super-homem...

Até começarem a cair grandes bolas de tinta branca sobre toda a cena.

CORO

grossas gotas de silêncio e branco tombando feito um princípio de loucura grossas gotas de silêncio e branco tombando feito um princípio de loucura grossas gotas de silêncio e branco tombando feito um princípio de loucura...

Enquanto escuta-se uma mistura de trechos de óperas com som de trânsito, o CORO pega e toma as vozes de BONECOS de personagens de óperas (TANNHÄUSSER, SALOMÉ, CARMEN, DON GIOVANNI, MELISANDE, SIEGRIFIED, FIGARO...) para improvisações com av. Presidente Vargas até destruir os bonecos: *engolindo miniaturas de carros, vans, táxis e ônibus,*

miniaturas de carros e ônibus, engolindo miniaturas... vomita, engasga, engole, estagna: engole de novo miniaturas: vomita, estagna, engole, vomita, estagna, engole...

MENINA RODAMOLHO

(tentando fazer as ações, descritas na fala)

*Precisa de uma coreografia gratuita para abelhas:
abelhas furando um olho azul até a cegueira do mar morto.*

Ou um engaiolar pombos e bebês, chacoalhar e libertar até bebês mortos com bicos e penas voarem.

*Ou viver como vendedor de sapatos pelos próximos vinte anos:
“Quando o dia termina, eu coloco as sandálias e vou para casa.
Amanhã, eu acordo às 6:00
e chego na loja às 7:30”.*

*Ou sou só um ator com formigamento na coxa estapeando-a:
“vou tentar estapear a falta simultaneamente”,
(tem que fazer doer mais)
“vou tentar estapear a falta simultaneamente”
(tem que fazer doer mais),
“vou tentar estapear a falta simultaneamente”
(tem que fazer doer mais)...*

*Muito pouco. Muito osso.
Precisa escorrer pelos azulejos.*

*Muito muito. Muita carne.
Precisa esquematizar o vento.*

*Eu vi o anjo
e o anjo disse:
“siga os imperativos de prazer até o absoluto”.*

HOMEM COM ARAMES NA BOCA e MENINA DE TORTA

DE MORANGO pegam e tomam as vozes de dois BONECOS DE TÉCNICOS.

HOMEM COM ARAMES NA BOCA / BONECO DE TÉCNICO 1 (fazendo a ação descrita na sua fala)

Estou cortando um fiapo dessa lâmpada.

Metaforicamente: estou roendo a unha dessa lâmpada.

Estou colando esse pedaço de unha de lâmpada sobre o meu dedo.

Essa será a minha consolação materialista.

MENINA DE TORTA DE MORANGO / BONECO DE TÉCNICO 2

(jogando as lâmpadas para o alto, estourando no corpo,
estourando na cabeça, amassando com a mão,
pisando em cima...)

eu sou

não sou

a

idéia

da garrafa

de cerveja

cacos

da gema

da lâmpada

do ovo

da bola da memória

de tênis

mais fosforescente

fosforescendo

agora súbito

O CORO constrói / destrói um corpo de homem de cidade de casa (estende-se um pano com miniaturas de prédios, casas, carros...; sofás, cozinhas, banheiros...; cabeças, pernas, braços... e fica-se montando / desmontado, arbitrariamente).

CORO

Entra homem de cidade de casa.

Ele diz: dos meus braços de prédios, suor de carros escorre até a sala.

Ele diz: minha boca, cansada de cuspir banheiros de azulejos com olhos, engoliu uma casa amarela.

Ele diz: eu sou um gigante surgindo da rua, erguendo uma onda de concreto para deformações, ou favelização da cidade do corpo da casa.

Ele diz: minhas pupilas angustiadas da casa se dilatavam se espalhando até a rua. Ele diz: puxar minha pele de corpo da cidade da casa faz explodir carros nos olhos. Ele diz: tomar banho faz encharcar a sala, alagar toda a cidade fica inundada.

Improvisações para CORO com casa, cidade, corpo: 1- *esprema meus olhos até que eu chore um barraco.* 2- *vou chupar tua língua até que todas essas ruas estejam pálidas, como azulejos pálidos.* 3- *me explode um prédio sob as pálpebras, talvez dos escombros eu possa erguer uma casa cheia dedos. ...*

Improvisações para MULHER DE LENÇOL DE LEITE passando no corpo de homem de cidade de casa, em cima de um brinquedo de ônibus com suicídio, Grécia, essência, intensidade, falta e amor...: 1- *a falta de amor...* 2- *se eu me matasse...* 3- *se eu fosse grega...* 4- *a intensidade...* 5- *a experiência essencial...* 6- *o meu sofrimento sofrendo sofre, ó, o meu sofrimento sofrendo sofre...*

Improvisações para o CORO comendo BONECOS e OBJETOS de comida (MULHER DE CABELOS DE RIOS DE SUCO DE LARANJA, MÃE DE SALADA DE BATATAS, MESAS DE CHOCOLATE BRANCO, ÁRVORES DE ALFACE, BALAN-

ÇO DE FARELO DE PÃO...): 1- *teus — pastiches de Wagner — cabelos de rios suco de laranja escorrendo, quando tuas coxas de sorvete derretendo...* 2- *nós mastigamos as mesas de chocolate branco dos escritórios.* 3- *feijão de pele, arroz de pele, batata de pele: feijão, arroz, batata, feijão, batata, arroz, feijão, batata...* 4- *vidro com sol com cacos de vidro de sol mastigáveis, ou um sol de batatas coradas amassadas: luz: se cortar, escorre batatas coradas, escorre sangue, escorre cacos, pois estraçalhando as bochechas com cacos de sol escorrendo luz, entre dentes, entre pele...* 5- (cantarolando) *Ó, balanço de pão, / não se esfarele não, / eu não gosto de tombo, / nem de bumbum no chão. ...*

HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA

(segurando a mão da MULHER CADELA)

*Eu sou o homem obeso de bolo de laranja,
quando eu anda,
eu deixa cair migalhas que eram meus dedos.*

(ele começa a voar, feito um balão)

*Mas eu-redondo,
eu balão gigante rodando,
vou até a lua,
vou até Marte
te comprar
sorvete que dá
vontade de viver.*

MENINA DE TORTA DE MORANGO

(falando para um BONECO DE MÃE DE SALADA DE BATATAS)

*Mamãe, penso que o mundo hoje
é como um arco íris podre escorrendo pelo esgoto!*

*Meu pai de chocolate me estuprou.
Isso não foi um estupro.
Ele é de chocolate.
Eu sou contente.*

CORO começa a ler no cenário e nos seus próprios corpos, bilhetes de suicídio. Como se os bilhetes de suicídio se tornassem a substância da cena e estivessem impressos em todos os brinquedos e personagens.

Improvisações para CORO com bilhetes de suicídio: 1- *Entediei-me. Desculpa.* 2- *Eu sou lixo. Eu me odeio. Eu quero morrer.* 3- *Me mato hoje, Angela. Imagino que você esteja contente.* 4- *Percebo que esse bilhete é também derrota: criativa, agora. Mas, ao menos, há algo de positivo, dessa vez: trata-se da última.* 5- *Fracassei.* 6- *Eu te desprezo. Mas eu me desprezo mais.* 7- (...) *Naquele dia, você estava usando aquele vestido azul, e eu até tive vontade de viver. Foi uma exceção. De resto, você sabe como eu tenho que ser sempre o mais detestável. Nossa vida conjugal foi... não sei... Ah, a sua vulgaridade dificultou tudo!...* 8- *Quando eu era criança, eu era uma menina alegre. Eu era talvez a mais alegre menina da escola. Sei lá, eu nunca vi uma criança se suicidando...* 9- *Suicido-me hoje e que vocês todos se fodam!* 10- *nunca amei, mas talvez tenha sido amado... Chamem todas minhas ex-amantes e ex-namoradas. E que elas sofram...* 11- *Vocês não encontrarão minha camisa havaiana no armário. Quando terminar essa carta, me joga do prédio com ela. Sempre quis morrer de laranja. Acho que é uma coisa otimista.* 12- *Eu me mato, porque me acredito imortal, e porque eu espero.* 13- *Descobri a maneira mais fácil de não acordar: matar-me.* 14- *suicídio súbito de mim, ou esse poema termina agora. ...*

Improvisações para CORO com peças de **suicídio** de brinquedo de borracha: mordendo, chupando, engolindo, sujando, jogando, quebrando, brigando por peças de **suicídio** de brinquedo de borracha até que MULHER DE LENÇOL DE LEITE engasga (silêncio): tosse 1, tosse 2, tosse 3. Volta. Revolta.

CORO
(cantarolando)

*suicidando pra lam-bé
cu rosado da mor-té
de vestido de flo-rés*

*ama-relés
estu-pidé
mente-até
esto-magué*

...

HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS

Eu escorreguei no “sofrimento” do pula-pula.

MULHER CADELA

*Vê se não vai engolir o “tédio”
Vê se não vai engolir o “inerte”
Vê se não vai engolir o “te odeio”
do canteiro de areia agora.*

Alternar:

1 CORO

*Se eu me enforcasse.
Se tu te enforcasses.
Se ele se enforcasse.
Se nós nos enforcássemos.
Se vós vos enforcásseis.
Se eles se enforcassem.*

2 CORO

*...ou ler Descartes, ou me matar, ou “eu te amo”, ou me matar,
ou limpar janelas, ou me matar, ou “por há simplesmente o ente
e não antes o nada?”, ou me matar, ou andar de bicicleta, ou me
matar, ou ir ao cinema, ou me matar, ou torta de limão, ou me
matar, ou me drogar, ou me matar, ou sucesso, ou me matar, ou
surfear em alto mar, ou me matar...*

MENINA DE TORTA DE MORANGO se transforma numa espécie de babá, enquanto os demais personagens se tornam CRIANÇAS e formam um círculo para escutar uma história.

MENINA DE TORTA DE MORANGO

*O HOMEM EM FORMA DE SOL pediu
um beijo para a
MULHER EM FORMA DE ILHA DESERTA.*

Ela disse: “não!”.

Desde então, eles sabiam: “nós somos humanos”.

*O HOMEM EM FORMA DE SOL disse:
agora eu serei a
CRIANÇA EM FORMA DE OVERDOSE.*

*A MULHER EM FORMA DE ILHA DESERTA
não se importou,
bebeu água de coco na chuva,
e rodou, rodou, rodou.*

MENINA RODAMOINHO saltitando, cruzando o parque.

MENINA RODAMOINHO

*O beijo-robô da língua-robô propôs:
“eu vou secar o sol
do bloco ainda borbulhante
da morte com cavalos marinhos”.*

*Conseguiria eu
pôr em ato
uma (plena de passarinhos)
morte engraçada ?*

*Seca
(mais: anorexizada)
da sua gravidade
esterilizada*

(queria)
a morte passível agora de pôr o pé
a ponta dos dedos
a passeio na beira do mar
morno na banheira
provar a (morte é uma) gota de leite
da mamadeira abobada abestalhada morte
engraçada.

MULHER CADELA pega e toma a voz de uma BONECA DE BABÁ, enquanto os demais personagens se tornam CRIANÇAS e formam um círculo para escutar uma história.

MULHER CADELA / BONECA DE BABÁ

Chegando no meio de um... lá
— metáfora da metáfora
da metáfora da... —,
vendo uns... lenços amassados
com pétalas (?), um passarinho
se lançou: “por que continuo?”,
e continuou.

Um segundo passarinho
também ali passou.
Este se perguntava: “por que continuo?,
por que
continuo?, por que
continuo?,
por que continuo? ...”.

A cena se enche de balões, de modo que parece que os personagens e as coisas se tornaram balões.

MENINA DE TORTA DE MORANGO

(infantilmente)

A tua bochecha é um balão!

MENINA RODAMOINHO e HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA pegam e tomam as vozes de dois balões.

MENINA RODAMOINHO / BALÃO 1

Eu era uma menina interessante.

HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA / BALÃO 2

Por que?

MENINA RODAMOINHO / BALÃO 1

É, eu não era uma menina interessante...

Entra o HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS sobre uma geladeira / carroça — na qual vê-se uma BONECA DE MULHER IDEAL congelada — puxada pela MULHER CADELA.

HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS

(para a BONECA DE MULHER IDEAL)

*À você
que é mais perfeita
que a alma
não permitirei
nem mesmo
piscar.*

MULHER CADELA

Já eu, cadela sendo, não me domestico: pulo em cima da mesa e jogo os pratos no chão. Daí ser preciso certa disciplina, como que para dizer: “não, isso você não pode fazer”, ou “não, aí você não pode entrar”, ou “o fogo queima”... Friso: “como que”, porque às vezes é preciso — literalmente — me estapear e, por vezes, até mesmo mais... Ora, assim como um leão não entende, um tigre ou um macaco não entende, eu não entendo. Mas isso não quer dizer que eu não queira ser amada. Apenas acrescento: “me ame, mas como quem ama um animal”. Ou seja, tenha certa prudência: não me deixe sozinha com as crianças, nem fique de costas e

sempre mantenha o chicote próximo. Pois saiba que eu, tal como qualquer besta, a qualquer momento, posso te roubar um olho.

HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS

COISAR: PAISAGENS DE LETRAS: DEUS COM KARAZOV: ENTRE CAVALOS MARINHOS O SIGNIFICADO ENTRE CAVALOS MARINHOS ESCORRENDO PRA FORA: SE EU ME ENFORCO SE TU TE ENFORCAS SE ELE SE ENFORCA DA SIGNIFICÂNCIA NA TARDE VIOLETA NO VENTILADOR DE TETO DAS TUAS VEIAS: TUDO: SEQUÊNCIA: SINÔNIMICA: VIRA: PUTARIA: BANAL: LITERAL: MINHA BUCETINHA: COISAR: A PELE DA PELE DA PELE DA PELE DO ÚTERO DO ÚTERO DO ÚTERO DO ÚTERO DA LETRA A-DISSE FADAS FADAS FADAS: COISAR

Nos olhos do HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS começam a crescer dois balões, como se de Cartoon, aos quais ele próprio estoura com um alfinete.

HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS

*Meio dia
nos meus olhos
vermelho
enchendo
voando fora
da minha cabeça.*

BOOM!

(ele estoura um dos olhos com um alfinete)

*É assim que se explode o sol!
BOOM!*

(ele estoura o outro olho com um alfinete)

É assim que se explode o sol!
Eu tô cego.
Eu sô Pernalonga.

MULHER CADELA se liberta da coleira, corre ao redor do palco, latindo e abanando o rabo, alegremente, depois volta para perto do HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS, que re-coloca a coleira nela. Eles saem da cena, junto com a geladeira / carroça.

HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA

Precisa sonhar com mil modelos peladas numa sala.

*Que diziam que: “ nós somos suas mães-parque,
nós somos suas mães-parque...”.*

*Quando elas eram muito magras,
elas eram muito fadas.*

Eu brincava.

Eu pulava.

CORO

(fazendo um círculo ao redor dele)

Nós somos suas mães-parque.

Nós somos suas mães-parque.

Nós somos suas mães-parque.

Nós somos suas mães-parque.

...

HOMEM COM ARAMES NA BOCA

Vocês teriam melhores antiinflamatórios?

Vocês teriam melhores antibióticos?

Para a minha garganta.

Minha garganta está doendo.

Está doendo, quando eu falo.

Quando eu falo, está doendo.

Está doendo, quando eu falo.

*Mas quando eu espirro é bem pior.
Antes, eu amava espirrar.
Era um maior prazer que eu tinha: espirrar.
Mas agora é como um raspão.
Preciso não espirrar.
Preciso não espirrar.2,5*

(ele espirra)

*Preciso não espirrar.
Preciso não espirrar.*

(ele espirra)

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

(bebendo um copo de vodka)

*Vou tombar como uma lágrima,
ou a lágrima vai tombar como eu.*

Você nem vai sofrer.

Você está saudável como uma morte gorda.

Você se alimenta de mim.

Você costumava sempre vir fracassando seu caminho até aqui.

Você...

*Que essa fosforescência de luz e azulejos se espalhe por mim
feito uma beatificação.*

Gostaria de te fazer lambe todos os meus dedos do pé.

Gostaria de me tornar vodka ou o copo de.

Eu não vou ser a sua putinha.

CORO

*Precisa inscrever nas mil e uma páginas das mil e uma noites
das mil uma camadas de tinta das paredes da pele da língua
do âmagô do coração do ser da vida:*

(eles fazem um círculo e dançam, ao redor da MULHER DE
LENÇOL DE LEITE, cantarolando)

Ela é coisa diversa: diverte

Ela é coisa diversa: diverte

Ela é coisa diversa: diverte

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Eu ainda estou sofrendo

CORO

Ela é coisa diversa: diverte.

Ela é coisa diversa: diverte

Ela é coisa diversa: diverte

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Eu ainda estou sofrendo.

CORO

Ela é coisa diversa: diverte

Ela é coisa diversa: diverte.

Ela é coisa diversa: diverte.

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Eu ainda estou sofrendo

...

HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS

(junto com a MULHER DE LENÇOL DE LEITE, tentando
fazer o que descreve na fala)

Você será minha Angústia.

Você será a minha Angustiazinha.

Eu te cubro e te beijo no pulso.

Nós somos os amantes ascéticos.

Estamos nus.

Eu não te toco.

Você não me toca.

Mas o mais próximo de.

O AMANTE DE AGULHA E LINHA

(para a AMANTE DE AGULHA E LINHA)

Meu anjo,

quando eu disse: “amar”, você não entendeu: “amar”, meu anjo.

Meu anjo,

então, eu despedacei a tua foto, eu embaralhei os pedacinhos, para te amar com todo um outro gosto, com todo um outro gosto desconhecido de novo, meu anjo.

Meu anjo,

quando eu disse: “meu”, você não entendeu: “meu”, quando eu disse: “anjo”, você não entendeu: “anjo”, meu anjo.

Meu anjo,

eu te amo, eu te amo, eu te amo muito, meu anjo, eu te amo.

Improvisações para CORO com verbos e “como os deuses”:
vamos brilhar, como os deuses, amar, como os deuses, destruir, como os deuses, pular, como os deuses, pensar, como os deuses, desejar, como os deuses, nascer como os deuses, criar como os deuses...

Improvisações para CORO com “feito os deuses brincando”:

- 1- *Liquidificar-te-ei em pó.*
- 2- *Voar, como quem dorme, voar.*
- 3- *Quero ser um monstro. Agora sou um monstro. Quero ser um mar. Agora sou um mar. Quero ser um cisne. Agora sou um cisne.*
- 4- *Não me faça ter que me evidenciar Deus. Direi: “eu te amo”,*

como quem explode e explodirei. 5- Azul que me transborda céus e mares, te afoga céus e mares, azul que me transborda céus e mares, te afoga céus e mares... 6- Eu não tenho mais coração e não me importo. Você me ofendeu. Eu te enforco pelas tuas próprias mãos você morta. 7- Criei um mundo: fui irônico. 8- Eu sou supersônico! 9- Se eu fosse mortal... 10- Agora preciso que você seja inflamável para mim. 11- Arruinar você e os teus, como quem espirra. Porque vocês, mortais, fedem. Porque vocês, mortais, são vulgares e feios, como a comida que comem. 12- As suas vidas não são que um tatear inútil. Mas eu trago o necessário. 13- Tão deus agora sou que nem mais me agüento eu / de num surto súbito recriar tudo. Tuas cidades. Tuas cidades de sorvete. Tuas cidades de coxas de sorvete derretendo... 14- Te instaurei um de desejo. Por exemplo, o de ver borboletas o dia inteiro. Te instaurei um desejo. Por exemplo, o de correr até desfalecer. Te instaurei um desejo. Por exemplo, o de lamber, lamber, lamber. ...

Pausa longa.

MULHER CADELA

Conta uma piada engraçada pra rir.

HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA

*Com a minha namorada,
ninguém fica parado,
ela é feita de melado
e adora bananada.*

MULHER CADELA

Agora seja mesquinho, como quando você era criança.

HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA

Ó, não, por favor, não.

MULHER CADELA

Seja mesquinho, como quando você era criança.

HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA

Ó, não, por favor, não.

MULHER CADELA

Então, diga

(com mais gosto que às outras palavras)

uma única até dormir

HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA

(dizer: (a) ou improvisar)

(a)

Alumbramento, alumbramento, alumbramento, alumbramento...

HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS atira na cara do
HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA.

HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS

*Assassinei,
novamente.*

*Uma bala
que era um extraterrestre
tombando no mar e
que abrindo uma cratera
no corpo
revoltou um rodamoinho de vísceras
que fez talvez
pensar: "nuvens",
um instante antes
no depois corpo
morto
nada
ser.*

Todos os peixes dali morreram verdes.

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

*Assassinei,
como uma criança afogaria gatos,
no tanque,
e corri:
eu, tensa, rio, tensa, eu, rio, tensa, eu...
quando a poeira tem olhos,
a poeira tem ouvidos?
Mas os adultos
só iriam chegar às sete horas,
e eu pude fracassar,
como se abortos,
enterrar,
como se pombos
no jardim,
os corpos
mortos.*

HOMEM COM ARAMES NA BOCA amarra MENINA DE TORTA DE MORANGO numa cadeira. Ele fica batendo e jogando dardos nela.

HOMEM COM ARAMES NA BOCA

Passei a manhã toda atirando dardos em galinhas.

*No teu corpo / sítio,
velhas como só galinhas velhas
podem ser tão velhas,
galinhas ciscaram
a manhã toda.*

Havia flores no teu umbigo.

Havia milho no teu mamilo.

Uma galinha entrou pela tua boca.

MENINA DE TORTA DE MORANGO

Não, não entrou.

HOMEM COM ARAMES NA BOCA

Abre a boca!

MENINA DE TORTA DE MORANGO

Eu não quero mais brincar.

HOMEM COM ARAMES NA BOCA

Mas você vai brincar.

*Se uma galinha descer pela tua goela abaixo,
eu vou ter que arrombar uma fenda na
tua garganta,
no teu estômago...*

*Mas se ela ainda estiver na boca,
eu posso acertar um dardo na tua língua.*

Abre a boca.

(ela abre)

Improvisações para CORO com bonecas russas (desde bonecas pequenas até algumas do tamanho de um homem): 1- *abri uma boneca, tinha outra boneca, abri outra boneca, tinha outra boneca, assim, sucessivamente, abri outra boneca, tinha outra boneca, abri outra boneca, tinha outra boneca, assim, sucessivamente...* 2- *fecha uma boneca dentro de outra boneca dentro de outra boneca dentro de outra boneca dentro de outra boneca...* 3- (cantarolando) *desmonta / remonta, desmonta / remonta...* 4- *a cabeça da boneca 32 no corpo da boneca 12, o corpo da boneca 76 na cabeça da boneca 9, a cabeça da boneca 97 no corpo da boneca 3....* 5- *meu castelo de bonecas, meu exército de bonecas, minha escultura de bonecas...* 6- *quebrar bonecas, feito guitarras, quicar bonecas, feito bolas, beijar bonecas, feito bocas, queimar bonecas, feito versos, afogar bonecas, feito cisnes...*

Centenas de ursos rosas tombam no palco.

CORO

*mosquitinho
poetiquinho
pousando
no
pezinho
da
sua
lingüinha
e
chupando
todos
os
ursinhos
rosinhas
gordinhos
pulando
pulando
que
você
falou
...*

HOMEM COM ARAMES NA BOCA estica os arames da sua boca, prendendo alguns no cenário e dando outros para os personagens.

HOMEM COM ARAMES NA BOCA

*Comi horas repetitivas como comida:
estou triste,
quero ficar alegre,
estou triste,
quero ficar alegre,
estou triste,
quero ficar alegre,
estou triste,
quero ficar alegre...*

*Por favor, puxem todos os meus dentes fora.
Minhas gengivas querem sangrar som agora.*

(Eles puxam)

Agora vou simplesmente engolir.

Improvisações pornográficas para HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA e MENINA DE TORTA DE MORANGO com BONECAS DE BEBÊS RECÉM-NASCIDOS e GATINHAS: *recém nascidas chupando bucetas de gatinhas de borracha até olhos azuis do cu do útero: de bucetas recém nascidas chupando gatinhas até cu do útero olhos de borracha azuis do: olhos do útero de borracha até gatinhas de recém nascidas chupando bucetas azuis do cu: do olhos borracha gatinhas até do de recém de útero chupando nascidas azuis bucetas cu...*

HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS

(para o HOMEM OBESO DE BOLO DE LARANJA, enquanto come algodão doce)

Prefira superpor:

“eu tenho uma capacidade uma afetiva desumana”,

quando disser:

“com minha boca,

cheia de algodão doce,

sufoco Angústia no rosa”.

HOMEM COM AS GENITÁLIAS CORTADAS

Com minha boca,

cheia de algodão doce,

sufoco Angústia no rosa.

MULHER DE LENÇOL DE LEITE / MULHER CADELA

(abraçadas)

(*Quis*)

pétreas pétalas da pele

(fazer surgir): eu deverei não respirar viva!

Eu deverei...

Viva.

Petalar-me em pétalas.

Pedrar-me em pedras.

Pétalas ser.

Pedras ser.

Des-sujeitar-me de mim.

Objetar-me para ventos.

Para vãos?

Para pouso?

(falando para HOMEM COM ARAMES NA BOCA)

Ou você deveria escrever

a tua autobiografia do vento

improvisando com folhas e latas

sobre nossos corpos agora.

MULHER DE LENÇOL DE LEITE

Eu serei folhas!

MULHER CADELA

Eu serei latas!

MENINA DE TORTA DE MORANGO joga um balde d'água no HOMEM COM ARAMES NA BOCA. Ele corre atrás dela.

HOMEM COM ARAMES NA BOCA

Calmaria. Veio um balde d'água que sorria.

Eu tive que trocar a camisa do dia

— que ela não suportava mais tanta alegria.

Ela é! E me encharcou do excesso que vivia.

FIM